AVENTURAS NA HISTÓRIA

EDIÇÃO 169 | JUNHO/2017

Soldados israelenses comemorando em frente ao Muro das Lamentações

GUERRA DOS SEIS DIAS

Há 50 anos, confronto-relâmpago entre árabes e israelenses redefiniu a paisagem política do Oriente Médio e deixou sequelas permanentes

O JOGO MORTAL DOS ASTECAS | DADÁ: GUERREIRA **DO CANGAÇO** | **OS 10 MAIORES** TRAIDORES | REI ARTHUR **A LENDA ETERNA**

Sumário

HISTÓRIA HOJE

ALMANAQUE

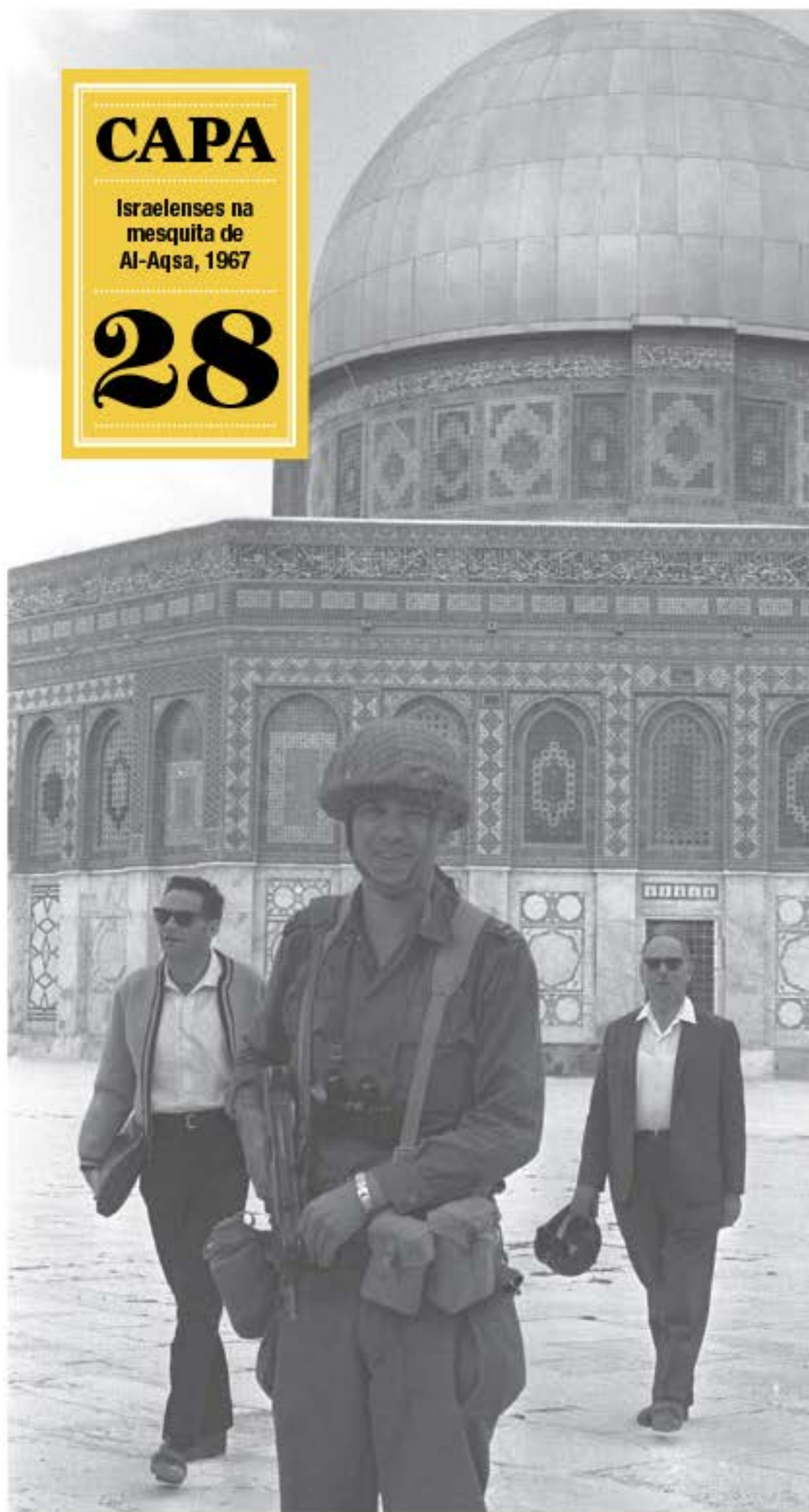
REPORTAGENS

CULTURA

CAPA

Israelenses na mesquita de Al-Aqsa, 1967

FOTO WIKIMEDIA COMMONS | CAPA RUBINGER DAVID / ISRAEL GOVERNMENT PRESS OFFICE

EDITORIAL

O VESPEIRO

É um assunto espinhoso, mas, indiscutivelmente, essencial. Quase tudo o que ocorre hoje no Oriente Médio pode ter sua origem traçada até uma decisiva semana de 1967. Israel deixou de ser um Estado que (a sensação era essa) podia desabar a qualquer instante para se tornar um que faz desabar seus inimigos. De uma precária construção do sionismo ao alvo máximo do radicalismo islâmico, o "Pequeno Satã".

Nosso tema principal não é se a criação de Israel foi ou não fruto de uma injustiça. O que importa nessa conversa é que Israel existe e passou a "existir" muito mais então. Falamos de uma guerra de consequências imensas, que refundou o país e a ordem geopolítica do Oriente Médio.

Também nesta edição, como uma inicialmente modesta lenda celta teve um impacto por séculos no mundo real: o Rei Arthur.

E a história da guerreira Dadá, sem deixar de fora certa parte desconfortável e menos falada.

Salaam/Shalom!

Fábio Marton
EDITOR

FALE COM A GENTE

www.aventurasnahistoria.com.br

aventurasnahistoria@maisleitor.com.br

/aventurasnahistoria

@aventurasnahistoria

PARA ASSINAR / SAC

OU PARA COMUNICAR MUDANÇA DE ENDEREÇO E TIRAR DÚVIDAS SOBRE SUA ASSINATURA
Acesse www.assineclube.com.br ou envie um e-mail para atendimento@assineclube.com.br
De segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, ligue para (11) 4765-9333 (Grande São Paulo), 3003-1020 (outras capitais) ou 0800-449-1010 (demais localidades)

PARA COMPRAR EDIÇÕES ANTERIORES

Ligue grátis: 0800-7773022
De segunda a sexta, das 7h30 às 17h30

PARA ANUNCIAR

TELEFONE: (11) 2197-2011/2059/2121
E-MAIL: publicidade@editoracaras.com.br

VENDA DE CONTEÚDO

Para direitos de reprodução dos textos e imagens de AVENTURAS NA HISTÓRIA, acesse www.abrilconteudo.com.br

Diretor-Superintendente
Edgardo Martolio

Diretores Corporativos
Marketing: Luis Fernando Maluf
Editorial: Claudio Gurmindo (Núcleo Celebridades) e Pablo de la Fuente (Núcleos Novos Leitores e Mensais)
Publicidade: Luciana Jordão
Circulação: Mardiano Silva Jr.
Internet e Mídia Digital: Alan Fontevecchia
Jurídico e RH: Wardi Awada
Finanças e Controle: Marina Bonagura

Diretor Executivo
TI: Cícero Brandão

Diretores
Publicidade: Maria Rosária Pires
Escritório Rio de Janeiro: Claudio Uchoa (Editorial)
Escritório Brasília: Carlos Moufarrege

Gerências
Circulação: Luciana Romano (Assinaturas)
Eventos: Walacy Prado
Tecnologia Digital: Nichólas Serrano

AVENTURAS NA HISTÓRIA
(Lançada em 2003)

Editor: **Fábio Marton**; Editora de Arte: **Luciana Porto Alegre Steckel**; Revisão: **Bianca Albert**

Áreas Compartilhadas
PUBLICIDADE: Claudia Pardini, Lavínia Carvalho, e Andre Cecci (executivos); Maira Mariano e Aline Silva (assistentes) Rio de Janeiro: Carla Chaves (gerente) e Helga Vianna (executiva); **FOTOGRAFIA:** Priscilla Vaccari (Editora), Rogério Pallatta (SP), Cadu Pilotto e Fabrizia Granatieri (RJ); Amanda Loureiro, Mariana Sardinha, Ramiro Pereira, Samantha Ribeiro e Tainara Passos (Assistentes); **CIRCULAÇÃO:** Fernando Andrade e Pablo Barreto; **MARKETING PUBLICITÁRIO E EVENTOS:** Adriana Trujillo (Editora) e Bruno Legítimo (Designer); **MARKETING:** Carolina Ryna, Nilton Vieira, e Natalie Fonzar (Apoio); **TI:** Carlos Almeida, Dirceu Bueno, Ricardo Jota e Victor Fontes (Assistentes); **LOGÍSTICA:** Aniclay Lima, Daniel Ferreira e Ivo Santos; **RECURSOS HUMANOS:** René Santos (Consultor); **ADMINISTRAÇÃO, FINANÇAS E CONTROLE:** Alessandro Silva e Arthur Matsuzaki (Analistas); **PROCESSOS:** Henrique Pereira e Fernanda Wassermann; **PRE-PRESS:** André Uva, Claudio Costa, Dorivel Coelho, Emerson Luis Cação e Rogerio Veiga

Internet e Mídia Digital
EDITOR: Ademir Correa; **PUBLICIDADE VIRTUAL:** Bruno Oliveira; **PLANEJAMENTO:** Roberta Covre (Gerente) e Bianca Oliveira (assistente); **MARKETING DIGITAL:** Victor Calazans (Analista)

Redação e Correspondência
SÃO PAULO: Avenida Presidente Juscelino Kubitschek, 1400, 13º andar, conjs. 131/132, Jardim Paulista, CEP 04543-000, SP, Brasil, tel.: (11) 2197-2000, fax: (11) 3086-4738; **RIO DE JANEIRO:** Rua Barão da Torre, 334 A – Ipanema – CEP: 22411-000, RJ, Brasil, tel: (21) 2113-2200, fax: (21) 2543-1657. **ESCRITÓRIO COMERCIAL BRASÍLIA:** Edifício Le Quartier Bureau, SHN Quadra 1 Bloco A, S/N, 12º andar - Sala 1209, Cep: 70701-010, Brasília, DF, Brasil, Tel: (61) 3536-5138 / (61) 3536-5139, e-mail: carasbrasilia@caras.com.br

AVENTURAS NA HISTÓRIA 169 ISSN (1806-2415), ano 14, nº 5, é uma publicação mensal da Editora Caras. **Edições anteriores:** Ligue para 0800-777 3022 ou solicite ao seu jornaleiro pelo preço da última edição em bancas mais despesa de remessa; sujeito a disponibilidade de estoque. **Distribuída em todo o país pela Dinap S.A.** Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **AVENTURAS NA HISTÓRIA** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante
www.assineclube.com.br
Grande São Paulo: (11) 4765-9333 – Outras Capitais: 3003-1020
Demais localidades: 0800-449-1010

Para Assinar
Para Assinar
www.assineclube.com.br
Grande São Paulo: (11) 4765-9333 – Outras Capitais: 3003-1020
Demais localidades: 0800-449-1010

Impressa na Gráfica Abril:
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400,
CEP: 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

Revistas da Editora CARAS
AnaMaria (Semanal - Universo Feminino) | Aventuras na História (Mensal - Conhecimento & Memória) | Bons Fluidos (Mensal - Bem-Estar & Sustentabilidade) | CARAS (Semanal - Estilo de Vida & Sociedade) | Contigo! (Semanal - Celebridades & Entretenimento) | Manequim (Mensal - Moda) | Máxima (Mensal - Mulher Moderna) | Minha Novela (Semanal - Televisão) | Recreio (Semanal - Infantil) | Sou Mais Eu (Semanal - Depoimentos & Superação) | Tititi (Semanal - Fama & TV) | Vida Simples (Mensal - Autoconhecimento) | Viva Mais (Semanal - Família)

Principais Prêmios & Eventos da Editora CARAS
Ilha de Caras | Prêmio Contigo! de Televisão | Castelo de Caras | Semana do Bem-Estar

Editor Responsável
Wardi Awada

INCAS TINHAM ESCRITA

IMPRESSIONANTE ACHADO CONFIRMA RELATOS HISTÓRICOS

Quipus, espécie de guirlanda feita de cordinhas coloridas, são curiosos objetos produzidos pelos incas. Até hoje, o consenso era que serviam apenas para armazenar números. Isto é, os incas não tinham escrita – nem história escrita.

A antropóloga Sabine Hyland, da Universidade de Saint Andrews (Escócia), teve a chance de estudar dois quipus nunca antes vistos, guardados pelos moradores da vila de San Juan de La Collata, nos Andes peruanos. Eles passaram mais de dois séculos numa caixa de madeira. Seus donos garantiram que continham histórias escritas. E Hyland diz que estavam certos.

"Encontramos uma série de combinações de cores entre as cordinhas", diz a antropóloga. Segundo ela, as 14 cores usadas permitiam até 95 padrões diferentes, que poderiam representar sílabas ou palavras inteiras. "É um número dentro do que se espera para um alfabeto logossilábico." (O mesmo tipo de alfabeto que os maias usavam.)

Mas o alfabeto inca pode ser ainda muito mais complexo. As fibras são formadas por pelos de vários animais: vicunha, alpaca, lhama, cervo e vizcacha (um roedor). E isso é uma razão para o achado só vir agora: quipus de fibras vegetais perdem as cores com o passar dos anos. Sendo feitas assim as cordinhas, além da cor, a origem da fibra e a direção na qual foram tecidas também podem conter informações. Para ler um quipu, seria preciso não só vê-lo como tateá-lo com as mãos.

Hyland apenas provou que os quipus continham escrita. Não chegou nem a começar a decifrá-los. E, mesmo assim, alguns outros historiadores se mantêm céticos. Gary Urthon, professor da Universidade de Harvard, falou para a *National Geographic* que acredita que, sendo esses quipus do século 18, podem ser de um tipo novo que os maias só desenvolveram após o contato com o alfabeto latino, trazido pelos espanhóis.

Um quipu típico e, acima, guerreiro inca em gravura do século 18

TREINAMENTO DE TATU

COMPLEXO SUBTERRÂNEO – COM GRANADAS ARMADAS – FOI ENCONTRADO NA INGLATERRA

Como ensinar as pessoas a passar meses a fio enfiadas na lama enquanto balas de metralhadora passam por sobre sua cabeça? Simples: faça um campo de treino embaixo da terra. Foi o que se encontrou na vila de Larkhill, Wiltshire, em meio a escavações para a construção de um complexo residencial.

Nos túneis escavados, uma bagunça só: latas, pentes, escovas de dentes, latas de carne, leite condensado e tabaco, cigarros, velas, doces, um queijo, um balde usado para acender fogueiras (e combater o frio) e inúmeros *graffiti* deixados pelos soldados.

Um pouco da brutalidade da guerra pôde ser sentida ainda hoje: os arqueólogos corriam sério risco. "Esses homens eram treinados para a coisa real, usando granadas de verdade", afirma Si Cleggett, responsável pelo estudo. "Sabemos disso porque encontramos 200 granadas no túnel, e 50% delas ainda estavam operacionais. Tivemos que trabalhar com experts em explosivos, ou a coisa poderia ter ficado feia."

***Graffiti* na pedra. Ao lado, soldados australianos treinando num túnel**

"Mestre Sengchou morou aqui, numa vida de seclusão religiosa"

Inscrição de 1400 anos encontrada na província de Hebei, China. Acreditam que se refere a um monge shaolin, praticante do kung-fu

FOTOS GETTY IMAGES, WIKIMEDIA COMMONS E DIVULGAÇÃO

GRANJA DE ARARAS
Arqueólogos da Universidade da Flórida encontraram o que parece ter sido um viveiro de araras no Novo México. Feito mil anos atrás, tinha uma camada de 30 centímetros de excremento. Acreditam que os nativos criavam as aves por suas plumas.

DE VOLTA AO LAR
Uma estátua de granito preto, do faraó Ramsés II, de 11 metros de altura e 75 toneladas, foi reerguida no Templo de Luxor por autoridades egípcias. Descoberta em 1958 e agora restaurada, ela passou quase 60 anos fora de seu lugar.

ESPADAS DE MENTIRINHA
Uma tomografia de nêutrons feita em três espadas vikings do Museu Nacional da Dinamarca revelou que elas eram bem ruins. Os detalhes de sua construção estavam todos errados. A conclusão é que eram modelos sem função prática, meramente cerimoniais.

A AMÁLGAMA MAIS ANTIGA DO MUNDO

DEVE TER DOÍDO COLOCAR

Dois dentes, um canino e um incisivo foram achados no sítio Riparo Fredian, perto da cidade de Lucca, Itália. Estiveram na boca de alguém há 13 mil anos, tiveram cáries removidas com uma ferramenta de pedra e no lugar foi colocada uma mistura de fibras vegetais com betume – também conhecido como asfalto, que por milênios foi usado como remédio. Os buracos são grandes, circulares e profundos – bem-feitos, ainda mais levando em conta as ferramentas disponíveis então. O preenchimento evitava que alimentos caíssem no buraco e causassem mais infecção. Já a dor do procedimento, só imaginando.

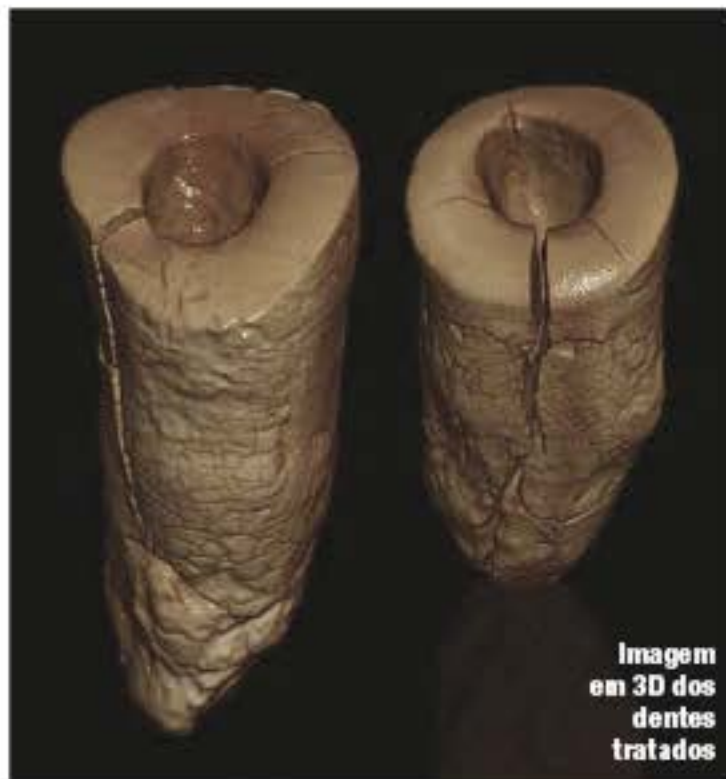



Imagem em 3D dos dentes tratados

A tumba do nobre que possuía uma relíquia europeia

EM TUMBA NA CHINA, ARTEFATO COM DEUSES GREGOS

Arqueólogos tiveram uma baita surpresa ao abrir um túmulo de um nobre do povo Gaol, etnia túrquica, aparentada dos mongóis. Datado de cerca de 1500 anos atrás, continha uma tigela de prata, gravada com as imagens de Zeus, Hera, Afrodite e Atena. Acredita-se que esse tesouro veio da Europa, através da Rota da Seda, que ligava os continentes na era do Império Romano. Foi provavelmente muito valorizado, pela forma como terminou enterrado com seu dono. O achado foi na Região Autônoma da Mongólia Interior, parte da China que faz fronteira com a Mongólia propriamente dita e que hoje é habitada por uma maioria de chineses.

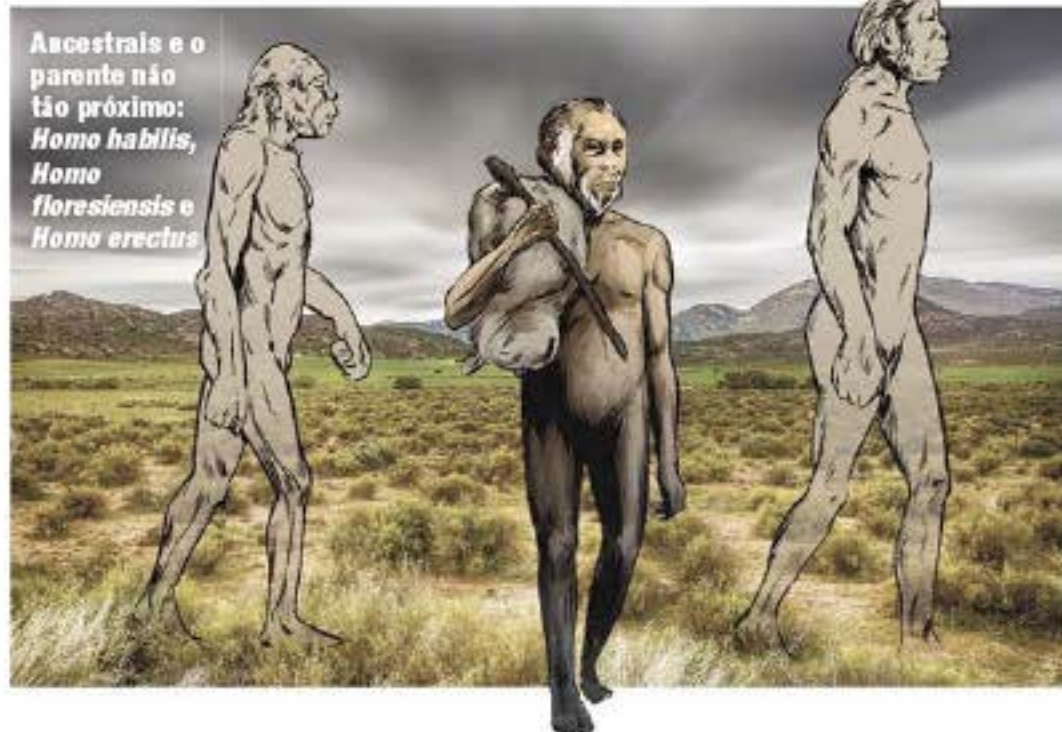
144 mil calorias

O valor nutricional de um homem de 66 quilos. O cálculo foi feito pelo evolucionista James Cole, da Universidade de Brighton, num estudo sobre as origens da antropofagia.

O CAVALO DO SOL

Desenhado numa colina entre 3 mil e 4 mil anos atrás, o Cavalo de Uffington desfiava explicações. A teoria mais aceita é que era uma marca de posse, dizendo que aquela terra pertencia a uma tribo. Mas Josha Pollard, da Universidade de Southampton, não estava convencido: é muito difícil vê-la do chão para que isso fizesse sentido. Por meio de cálculos astronômicos, ele mostrou que o cavalo galopa na linha que o sol percorre no chão no solstício de inverno. O que faz sentido, porque vários povos dessa época tinham lendas sobre cavalos e carruagens puxando o Sol pelo céu.

Visão aérea

Ancestrais e o parente não tão próximo: *Homo habilis*, *Homo floresiensis* e *Homo erectus*

HOBBIT NÃO ERA UM PARENTE PRÓXIMO DA GENTE

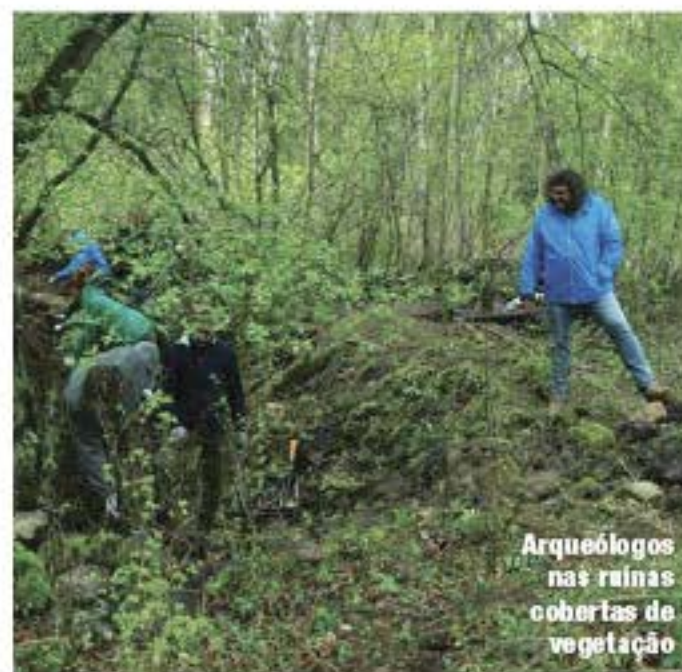
Descoberto em 2003, o *Homo floresiensis* – carinhosamente apelidado de hobbit, como os do Senhor dos Anéis – vem intrigando cientistas e antropólogos desde então. Acreditava-se que ele descendia do *Homo erectus*, um ancestral humano que era muito maior, e colonizou o mundo muito antes de outra leva de seus descendentes – nós. Um estudo profundo de seus ossos, pela Universidade Nacional da Austrália, provou que ele não pode ter descendido do *erectus*. Ao invés disso, teria vindo de um ancestral mais distante, o *Homo habilis*, que viveu entre 2,4 milhões e 1,6 milhão de anos atrás, extinto 900 mil anos antes do *erectus*.

CASTELO DA MODÉSTIA

CONSTRUÇÃO ACHADA EM LOCAL ERMO NA POLÔNIA

Foi bem no meio do nada. O local fica na floresta da Baixa Silésia, onde um dia existiu a vila de Nowoszów, abandonada em 1945. Foi usado por militares como campo de tiro até os anos 1990. Através do mapeamento aéreo com laser, foi possível achar os remanescentes da estrutura. Que não era lá essas coisas: era uma torre simples e retangular, provavelmente um posto de defensa no meio de uma estrada, construída no século 14. Para completar a humildade, pertenceu a um duque chamado Bolek II… o Pequeno.

Arqueólogos nas ruínas cobertas de vegetação

FOTOS GETTY IMAGES, WIKIMEDIA COMMONS E DIVULGAÇÃO | ILUSTRAÇÃO HARELL

Junho na História

O que foi notícia a cada dia

1º

1495

O monge John Cor, um alquimista, recebe do rei James IV a ordem de fazer oito panelas de *acqua vitae*. É a referência mais antiga conhecida ao **WHISKY** escocês.

2

1979

O papa **JOÃO PAULO II** começa sua visita a seu país natal, a Polônia. Não só foi a primeira visita papal a um país comunista como seria um imenso impulso para a queda do regime.

3

1940

O oficial nazista **FRANZ RADEMACHER** propõe deportar todos os judeus da Europa para a ilha de Madagascar. Não daria em nada, mas ele seria responsável por outras deportações.

4

1989

O governo chinês envia tanques para encerrar os protestos que já duravam quase dois meses na **PRAÇA DA PAZ CELESTIAL**, em Pequim. Até 2600 civis morreriam.

5

2004

Morre **RONALD REAGAN**, ex-ator de faroestes eleito para a presidência dos EUA entre 1981 e 1989 pelo Partido Republicano e ícone do movimento conservador até hoje.

6

1982

Forças israelenses cruzam a fronteira, iniciando a **GUERRA DO LÍBANO**. O propósito da invasão era caçar as tropas da Organização para Libertação da Palestina no país.

7

1494

Portugal e Espanha assinam o **TRATADO DE TORDESILHAS**, dividindo o globo terrestre entre os dois. Outros países, não mencionados, simplesmente ignorariam seu conteúdo.

8

793

Invasores nórdicos desembarcam na ilha de Lindisfarne, Inglaterra, e invadem a abadia que estava lá. É o primeiro ataque dos **VIKINGS** aos cristãos do sul.

14

1940

728 poloneses, apenas 20 dos quais judeus, são os primeiros prisioneiros a chegar ao campo de extermínio de **AUSCHWITZ**. A maioria era de membros da resistência.

15

1752

Na Filadélfia, o cientista **BENJAMIN FRANKLIN** empina uma pipa até uma nuvem, extraindo faíscas e provando que os raios são eletricidade. Outros morreram ao tentar imitá-lo.

16

1846

Começa o mandado de **PIO IX**, que permaneceria no trono por 31 anos, o mais longo papado. Em seu mandato, seria decretada a infalibilidade papal e os estados papais seriam dissolvidos.

17

1462

Num movimento extremamente ousado, **VLAD III DRÁCULA** – o empalador e inspirador do vampiro – conduz um ataque noturno contra o sultão Mehmed II, causando um sério dano.

22

1918

Às 4h da manhã, o trem do Circo Hagenbeck-Wallace é atingido por outra composição a 56 km/h. O **DESASTRE DE HAMMOND** custaria a vida de 104 artistas circenses.

23

47 A.C.

Nasce **CESARION**, filho de Cleópatra e Júlio César, único filho biológico conhecido do ditador. Seria morto aos 17 anos por ordem de Otaviano Augusto, após ser faraó do Egito por 11 dias.

24

1812

A Grande Armada de **NAPOLEÃO** cruza o Rio Neman, começando sua catastrófica invasão da Rússia. O exército do imperador seria arrasado pelo inverno russo e jamais se recuperaria.

25

1975

Moçambique atinge sua **INDEPENDÊNCIA** de Portugal, tornando-se a República Popular do Moçambique, governo comunista alinhado à União Soviética, que durou até 1990.

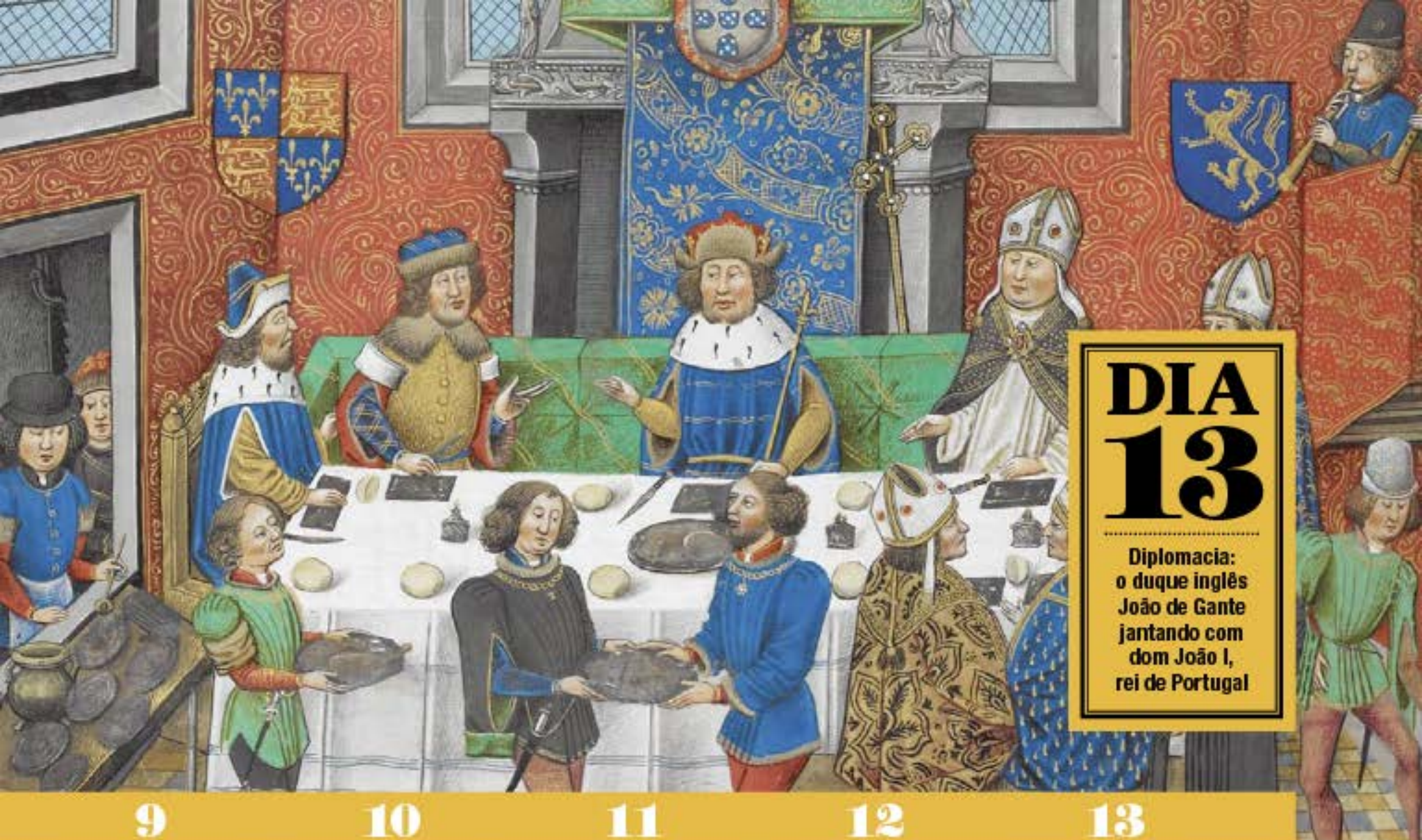
26

1968

Acontece a **PASSEATA DOS CEM MIL**, um grande protesto contra a ditadura militar no Rio de Janeiro, motivado pelo assassinato de um estudante secundarista.

DIA 13

Diplomacia: o duque inglês João de Gante jantando com dom João I, rei de Portugal

9

1930

O jornalista **JAKE LINGLE** é morto alvejado na presença de dezenas de testemunhas na estação central de Chicago. O mandante era Al Capone.

10

1190

Durante a Terceira Cruzada, o imperador romano-germânico **FREDERICO BARBAROSSA** tenta atravessar um rio montado e de armadura, mas vai ao fundo.

11

1996

42 pessoas morrem na **EXPLOSÃO DO OSASCO PLAZA SHOPPING**, quando o piso da praça de alimentação é lançado contra o teto por uma explosão de gás no subsolo.

12

1991

PRIMEIRA ELEIÇÃO DEMOCRÁTICA da Rússia, ainda uma república soviética. Vence Boris Yeltsin, opositor ferrenho ao presidente Mikhail Gorbachev.

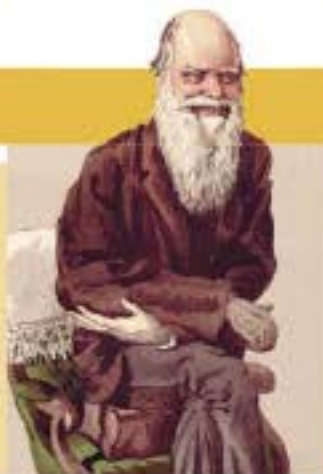
13

1373

É assinada a aliança **ANGLO-PORTUGUESA**. Ainda em vigor, é a mais antiga do mundo. Foi em respeito a ela que Portugal entrou em guerra com Napoleão Bonaparte.

18

1858

Charles Darwin recebe um artigo do jovem Alfred Russel Wallace explicando uma teoria da **EVOLUÇÃO** praticamente igual à sua. Decide revelar ao mundo suas ideias.

19

1867

O imperador Maximiliano I é executado por pelotão de fuzilamento, encerrando o **SEGUNDO IMPÉRIO MEXICANO**. O austríaco fora colocado no trono pelos franceses.

20

1943

Uma briga num parque dá início a um **TUMULTO RACIAL EM DETROIT**. Brancos e negros se separam em dois campos distintos e se enfrentam por mais de um mês. 34 morreriam.

21

2004

Atingindo uma altitude de 100 quilômetros num voo suborbital, a SpaceShipOne torna-se o primeiro **VEÍCULO ESPACIAL PRIVADO** e tripulado a alcançar o espaço.

27

1972

Fundada a **ATARI**, empresa que criaria a ideia moderna de videogame ao ofercer os jogos em cartuchos, no lugar de a máquina já ter um só jogo, como era feito antes.

28

1837

É coroada a rainha **VITÓRIA**, ícone nacional e exímia jogadora política, que daria nome a uma longa era – reinaria até 1901, por 63 anos. Feito que só seria superado pela atual rainha Elizabeth II.

29

1613

Durante uma apresentação da peça Henrique VIII, o **GLOBE THEATRE**, da companhia de William Shakespeare, é destruído por um incêndio. Seria reconstruído.

30

1934

Começa a **NOITE DAS FACAS LONGAS** (na verdade, três dias), um expurgo no qual o governo nazista executou aliados e partidários que não eram mais úteis.

FOTOS GETTY IMAGES, SHUTTERSTOCK E WIKIMEDIA COMMONS

DE ONDE VIERAM AS FESTAS JUNINAS?

PODE PARECER MEIO MALUCO, MAS A FESTANÇA TEM A VER COM DEUSES GREGOS, EGÍPCIOS, COM A IGREJA CATÓLICA E ATÉ COM O ÂNGULO DA TERRA

Antes de falarmos sobre quadrilha, fogueira, pamonha e quentão, vamos ter de falar sobre ciência e história. Todo mês de junho, há uma data em que o dia e a noite têm a maior diferença de duração – o solstício. No Hemisfério Norte, é o mais longo dia de todo o ano. Esse é o período da colheita na Europa e, até mais ou menos o século 10, com os últimos pagãos se convertendo, as populações dos campos comemoravam a data e faziam sacrifícios para afastar demônios e pragas. "Como a agricultura é associada à

TEXTO EDUARDO COSOMANO | IMAGENS SHUTTERSTOCK E WIKIMEDIA COMMONS

Festa de São João, por Jules Breton (1875)

fertilidade, cada região celebrava seu casal de deuses específico. Na Grécia, homenageavam-se Afrodite e Adônis. Já no Egito, os votos eram para Isis e Osíris. E o formato era mais ou menos como a gente conhece, com comida regional, danças e fogueira", afirma a antropóloga e professora da PUC, Lúcia Helena Rangel.

A Igreja Católica, cujo Deus não era homenageado, considerava essas festas como meros rituais pagãos. Mas, como não conseguiu acabar com elas, resolveu adaptá-las ao universo cristão. "Já no século 12, três santos passaram a ser homenageados no mês de junho: Santo Antônio (dia 13), São João Batista (dia 24) e São Pedro (dia 29)", explica a antropóloga Lúcia Rangel.

E foi aí que nasceu a festa junina. Três séculos depois, já nos anos 1500, os portugueses chegaram ao Brasil e, junto com eles, suas tradições. "O primeiro registro de festa comemorativa a São João data de 1583, em São Paulo, feito pelo jesuíta Fernão Cardim", afirma Fernando Pereira, professor de cultura popular e cultura midiática da Universidade Mackenzie.

As comemorações por aqui foram adaptadas, até porque em junho é inverno, exatamente o oposto – o dia do solstício é o mais curto do ano. "Entre os elementos que foram 'abrasileirados' estão os pratos típicos, em geral derivados do milho *(vide boxe)*, a música e as roupas", explica o professor Pereira.

Certo: os santos tomaram o lugar dos deuses e o verão virou inverno, mas por que raios as pessoas se vestem de caipira? Em princípio, a resposta é simples: festa junina é uma celebração rural. A parte problemática é o que se entende como caipira. "A figura do Jeca Tatu, criada por Monteiro Lobato, definia o caipira como indolente, preguiçoso, malvestido, sem dentes e com roupas rasgadas. Esse é o estereótipo que ficou. Como pesquisador, nunca aceitei essa caracterização", diz o professor. Pereira ainda assim enxerga nas festas juninas um grande símbolo nacional, sobretudo no Nordeste. "Principalmente em Pernambuco e na Bahia, as tradições são mantidas com muito forró pé-de-serra e acordeão", afirma.

O MILHO É REI

No Brasil, o cardápio das festas juninas foi adaptado à cultura agrícola local. Quando os portugueses chegaram aqui, rapidamente transmitiram aos índios suas tradições, mas também adotaram algumas. "Milho era um alimento muito utilizado pelos indígenas, ainda mais em junho, época de colheita. Então, desde o século 16, passou-se a preparar para as festas juninas uma série de derivados de milho, como bolos, caldos, pamonhas, bolinhos fritos, curau, milho cozido, canjica, dentre outras muitas variações", afirma Fernando Pereira. No século 19, o Brasil passou a receber uma grande leva de imigrantes, que trouxeram para o cardápio da festa algumas especialidades, adequadas também para o clima mais frio dos locais para onde se mudaram. Os tradicionais vinho quente, pinhão e espetos de churrasco, "exportados" para o Norte.

O LIVRO DOS MORTOS

ARTE PARA O ALÉM

A maioria da arte do Egito antigo tinha algo de paradoxal: não era para ser vista. Feita para passar a eternidade dentro de tumbas, sua função era ritual e mágica, garantir o bem-estar do falecido no pós-vida. Por isso também toda a formalidade, com os personagens iconicamente de frente, parados e com a cabeça de perfil – a função disso era ajudar os deuses a reconhecê-los. Mesmo com essas limitações, em escultura e pintura, foram os pioneiros egípcios que abririam caminho para o realismo fluido dos gregos, que viria séculos e séculos depois.

O *Livro dos Mortos* não é um só. Ele foi escrito e modificado ao longo de mil anos por diversos sacerdotes. Suas cópias em papiro, tidas por mágicas como todo o resto, cumpriam a mesma função que as pinturas nas tumbas. Os desenhos e os textos seguiam um modelo original, mas foram sendo modificados ao longo do tempo.

Aqui na imagem, o livro que pertenceu ao escriba de Tebas, Ani. Ainda que ele fosse um escriba, acredita-se que o papiro, extremamente profissional, tenha sido encomendado a um especialista. É uma das peças de literatura e arte egípcias mais bem preservadas conhecidas.

BEM-VINDO AO ALÉM
O escriba Ani é o segundo personagem à esquerda. No canto da imagem está sua esposa, Tutu. Ambos se inclinam respeitosamente para os deuses. Egípcios acreditavam que teriam uma vida similar à terrestre, mas mais feliz, no outro mundo.

PÁSSARO DA ALMA
A ave empoleirada ao lado da balança é o *ba*, a alma de Ani. Se o julgamento for bem-sucedido, sairá voando livre e solta.

IMAGEM WIKIMEDIA COMMONS

MAGIA
O *Livro dos Mortos* não era como a *Bíblia*. Era uma coleção de feitiços, não histórias ou profecias. Esses encantamentos eram destinados a ajudar os mortos a cruzar com sucesso o caminho descrito na imagem, para o Duat, o submundo. O nome do livro em egípcio é mais bem traduzido para *Livro de Emergir na Luz*.

O TRIBUNAL DOS DEUSES

Na primeira cena fica o que parece ser uma fila de assentos de ônibus. Estes são os deuses que irão acompanhar o julgamento do escriba, postado de joelhos diante deles. Da direita para a esquerda, em ordem de importância: Ra, Atom, Shu, Tefnut, Geb, Nut, Isis e Néftis, Hórus, Hathor, Hu e Sai.

LIXEIRA

Caso a alma fracassasse no teste, seu coração seria consumido pelo demônio feminino Ammit. Esta era uma bizarra mistura de crocodilo, hipopótamo e leão. Que não era aleatória: são os maiores matadores de humanos que os egípcios conheciam. O que vinha depois tinha várias interpretações: alguns acreditavam ser o nada. Para outros, o tormento eterno num lago de fogo.

DEUSES DA BALANÇA

Com cabeça de chacal (ou talvez um lobo) está Anúbis, o deus dos mortos, responsável por trazer as almas para o submundo. Ele opera a balança do julgamento. À esquerda da banca, mais três divindades prestam assistência: Shai (o destino) e as deusas Renenutet and Meskhenet.

PESO-PENA

O escriba Thoth – à direita, com cabeça de ave, o íbis – anota os resultados da pesagem conduzida por Anúbis. O babuíno sobre a balança é outra personificação de Thoth. O coração da pessoa deveria pesar exatamente o mesmo que uma pluma. Os antigos egípcios acreditavam que o coração, e não o cérebro, era o centro da consciência e das emoções.

RAIO X

NOME: Livro de Emergir na Luz (página)
AUTOR: Desconhecido
DATA: c. 1275 a.C.
TAMANHO: 244,5 x 30,7 cm
TÉCNICA: Tinta sobre papiro
LOCAL: Museu Britânico, Londres

10 TRAIDORES QUE MUDARAM A HISTÓRIA

AO VIRAREM A CASACA, ELES DECIDIRAM O DESTINO DE MILHÕES

10 JAMES JOSEPH DRESNOK

A QUEM TRAIU: OS EUA
QUANDO: 1962

Servindo na Zona Desmilitarizada da Coreia, ouviu notícias de que sua mulher o estava traindo, ao mesmo tempo em que era acusado de forjar documentos. Decidiu mudar de lado, atravessou um campo minado e se juntou aos norte-coreanos. Com eles, faria filmes de propaganda, interpretando vilões americanos. E chegaria a torturar compatriotas.

9 AUGUSTO PINOCHET

A QUEM TRAIU: SALVADOR ALLENDE
QUANDO: 1973

Allende, o primeiro presidente eleito assumidamente marxista da América Latina, governou por quase três anos em meio a um turbilhão político. Quando, nessa situação, o general Carlos Prats renunciou ao cargo de Comandante do Exército, ele próprio nomeou Pinochet. O general e futuro ditador passou até o dia do golpe dizendo ao presidente que estava tudo em ordem. Não estava.

8 CHRISTIAAN SNOUCK HURGRONJE

A QUEM TRAIU: O MUNDO ISLÂMICO
QUANDO: 1898

O antropólogo holandês fingiu ter se convertido ao Islã para poder ir a Meca e relatar o que viu aos europeus. Depois, voltou sua atenção aos islâmicos da Ásia, a quem os holandeses buscavam conquistar. Em 1898, tornou-se consultor do general J. B. van Heutsz durante a Guerra de Achém, contra os indonésios. Com sua ajuda, até 100 mil "companheiros de fé" foram massacrados.

7 EFIALTES

A QUEM TRAIU: A GRÉCIA
QUANDO: 480 A.C.

Retratado como um monstro no filme *300*, era, no máximo, um monstro moral. Ele mostrou aos persas um caminho secreto, permitindo que eles contornassem o desfiladeiro onde os espartanos – e um contingente muito maior de outros gregos – resistiam. No final das contas, ele só ajudaria a criar a lenda dos 300, que inflou o moral grego. E nunca foi pago.

6 MARECHAL DEODORO

QUEM TRAIU: D. PEDRO II
QUANDO: 1889

Membro do Partido Conservador e amigo pessoal do imperador, dizia que estaria a seu lado até a sepultura. Mudou de ideia ao receber a notícia, falsa, de que havia u ma ordem de prisão contra ele. E, esta verdadeira, de que um desafeto seu seria o novo primeiro-ministro. Aí o marechal bradou: "Viva a República!"

O beijo de Judas por Giotto, pintado entre 1304 e 1306

5 MIR JAFAR

A QUEM TRAIU: A ÍNDIA
QUANDO: 1757

Jafar era um dos oficiais do nababo (governador local) de Bengala, parte do Império Mogol. A Companhia das Índias Orientais o convenceu de que ele poderia ser o próximo nababo caso se juntasse a eles. Assim, na Batalha de Plassey, as forças sob seu comando não fizeram nada. A derrota – e a instalação de Jafar como uma marionete – marca o começo do domínio britânico na Índia.

4 DAVID GREENGLASS

A QUEM TRAIU: OS EUA E SUA FAMÍLIA
QUANDO: 1944-1950

Engenheiro envolvido no Projeto Manhattan, entregou segredos nucleares para sua irmã e seu cunhado, Ethel e Julius Rosenberg, que os repassaram aos soviéticos. Como os parentes, era apenas um entre muitos espiões atômicos. A razão de estar na lista é que seu depoimento levou os dois à cadeira elétrica. Traiu tanto o país quanto a família e pegou só oito anos.

3 MARCO JÚNIO BRUTO

A QUEM TRAIU: JÚLIO CÉSAR
QUANDO: 44 A.C.

Mais de 2 milênios depois, seu nome ainda é um adjetivo para uma violência injustificada. Mas ele e outros 60 senadores viam muita justificativa no que fizeram: matavam o homem que estava matando a República. De nada adiantou: o assassinato só acirrou ainda mais a crise política, e os aliados de César venceriam, transformando Roma em uma monarquia.

2 LA MALINCHE

A QUEM TRAIU: OS ASTECAS
QUANDO: 1519

Sejamos justos: não foi exatamente uma escolha. Malinalli era uma escrava nahua (asteca) entre os maias, dada de presente a Hernan Cortéz em 1519. Servindo de intérprete e amante do conquistador espanhol, seria uma peça fundamental na destruição do Império Asteca. No México, seu nome hoje é sinônimo para "entreguista".

1 JUDAS ISCARIOTES

A QUEM TRAIU: JESUS CRISTO
QUANDO: 33

É o personagem mais odiado do cristianismo, mas há que se fazer uma pergunta incômoda: existiria cristianismo sem seu beijo que levou à crucificação? É difícil imaginar como. Alguns evangelhos apócrifos chegaram até mesmo a dizer que havia um acordo entre os dois, para que Jesus cumprisse seu trágico destino.

FOTO WIKIMEDIA COMMONS

ALMANAQUE Era uma Vez...

THOR SE VESTIU DE NOIVA

MEDIDAS EXTREMAS PARA RECUPERAR MJOLNIR

O deus do trovão acordou e, como de costume, tateou a cama para procurar por seu martelo, Mjolnir, que tinha sempre a seu lado enquanto dormia. Apenas para encontrar o vazio: a arma não estava em lugar nenhum. Furioso, aos gritos, começou a procurar por todo o lugar, mas nada feito. Sem solução, foi pedir ajuda a Loki.

Dia sim, dia não, o trapaceiro Loki variava entre pregar peças e ser legitimamente fiel aos outros deuses. Naquele dia, era a segunda situação. Pediu penas mágicas à deusa do amor Freya para se transformar em falcão. E viajou para Jotunheim, a terra dos gigantes. Como Mjolnir era a arma mais importante dos deuses e os gigantes eram seus maiores inimigos, era seu palpite que o ladrão devia ser um deles.

Não deu outra: o rei Thrym admitiu ter se esgueirado de madrugada e tomado o martelo de Thor, que agora estava enterrado 8 milhas sob o solo. Ele só o devolveria em troca da mão de Freya.

Quando Loki deu as notícias, Thor mais uma vez começou a quebrar tudo em Asgard, mas para nada. Nem ele poderia desafiar os poderosos gigantes sem sua arma. Heimdall, o guardião da ponte do arco-íris, propôs então uma solução: eles entregariam "Freya" ao gigante. Mas quem iria no lugar seria Thor. Vestido de noiva.

O mais machão dos deuses protestou, mas era isso ou ver Asgard cair na mãos dos gigantes. E os deuses começaram a fazer um vestido de casamento fabuloso, digno da deusa da beleza. Loki se propôs a acompanhá-lo como dama de honra.

E assim as duas belas donzelas foram para Jotunheim, numa carruagem puxada por bodes, a barba de Thor oculta por um véu. O gigante ficou felicíssimo e as recebeu com um jantar. Thor, sendo Thor, comeu um boi inteiro. "Nunca vi uma mulher com tal apetite!", estranhou o gigante. Ao que Loki respondeu que a noiva não havia comido a semana inteira, de ansiedade. Ele tentou tirar então o véu, recebendo um olhar fulminante, digno do deus do trovão. "Nunca vi uma mulher com um olhar tão apavorante", exclamou Thrym, ao que Loki rebateu dizendo que, de tanta paixão, ela não havia dormido por uma semana.

O gigante então baixou a guarda e pediu o martelo, como parte da cerimônia. Deixou-o no colo de sua "noiva" para receber as bênçãos do sacerdote. Thor imediatamente rasgou o véu e se pôs em ação. O rei dos gigantes teve sua cabeça partida, depois foi a vez dos convidados. Voltando para Asgard, Thor jogou fora o vestido, pôs de volta suas roupas – e que ninguém jamais mencionasse essa história para ele!

FOTO WIKIMEDIA COMMONS

O LADO MAU DE
REI GEORGE V

Líder do Reino Unido, um dos "mocinhos" da Primeira Guerra Mundial, enfrentando a força do autoritarismo alemão em nome de valores liberais. Um monarca sereno, pacífico, democrático e modesto, que fez de tudo para diminuir os excessos de pompa e circunstância do cargo. E uma das primeiras pessoas a notar a ameaça de Hitler.

• Um monarca **RELUTANTE**. Terceiro na linha de sucessão e assumindo por tragédias familiares, ele estava apavorado no dia de sua coroação.
• Inimigo da **NATUREZA**. Numa viagem à Índia, matou 21 tigres, oito rinocerontes e um urso em apenas dez dias. Em 1910, matou mais de mil faisões em apenas um dia.
• Um tanto **SIMPLÓRIO.** Sem estar na linha de sucessão, nunca teve uma educação adequada, não falava francês direito e nada de alemão.
• Era bastante **RETRÓGRADO.** Gostava de cinema, mas odiava arte moderna, moças com esmalte ou que cavalgavam. Também demorou a aderir aos discursos pelo rádio.
• Um **PÉSSIMO PAI**. Com suas maneiras estritas, tratava seus filhos com violência verbal e física.

FOTOS WIKIMEDIA COMMONS

O LADO BOM DE
KAISER GUILHERME II

O culpado principal pela Primeira Guerra. Um militarista irracional, que dispensou o grande chanceler Otto von Bismarck pelo velho ter um estilo diplomático demais. Também um turrão linguarudo, que ofendeu seriamente os britânicos. Deixou seus generais criarem uma ditadura.

• Era interessado pelos **DIREITOS DOS TRABALHADORES**. A gota d'água para a demissão de Bismarck não foi sua diplomacia, mas sua tentativa de banir os socialistas e sua recusa em assinar uma lei trabalhista com o imperador.
• Um entusiasta da **CIÊNCIA**. Em seu reinado, foi criada a Sociedade Kaiser Wilhelm, que fez avançar o conhecimento na Alemanha.
• Encampou a **REFORMA EDUCACIONAL** para modernizar o sitema alemão, excessivamente tradicional, elitista e atrasado em questões científicas.
• Ele não **QUERIA** realmente a guerrra. Acreditava, talvez tolamente, que seus adversários desistiriam diante de suas bravatas e entrou em pânico ao saber que a Alemanha teria que lutar em dois fronts.
• Soube quando **DESISTIR**. Abdicou da Coroa quando sua situação se tornou insustentável.

ESPERE AÍ!
O kaiser era antissemita e viu com bons olhos a ascensão do nazismo. George é hoje lembrado como um grande democrata

CORAÇÃO

SÍMBOLO NASCEU PARA REPRESENTAR FOLHAS

Você provavelmente vai topar muito com essa imagem no mês dos namorados. É uma boa hora para se perguntar: por que o símbolo do coração se parece tão pouco com um coração?

A forma tem ao menos 5 mil anos. Ela apareceu em peças minoanas, cretenses, gregas e romanas. Mas então representava folhas: a na moeda abaixo, da cidade grega de Cirene, é uma folha de sílfio, planta medicinal que acabou extinta.

Assim como o sílfio, o símbolo sumiu na Idade Média. Até reaparecer numa letra capitular no livro *Roman de la Poire*, de 1250 *(abaixo, ao centro)*, na qual um cavaleiro dava seu coração à donzela. O coração era segurado de ponta-cabeça e desenhado em três dimensões, mas já tinha o formato familiar e improvável.

Então era fruto de uma confusão médica: era uma tentativa de representar um coração como descrito em texto pelo anatomista Galeno, mil anos antes, por quem nunca viu um.

Alguns historiadores enxergam uma conexão entre o símbolo antigo e o medieval. O sílfio era uma planta usada como anticoncepcional, e outro significado da forma eram folhas de uva, ligadas ao deus Baco. Se invertido, ele parece testículos ou talvez nádegas – sentido pornográfico, que mudaria para romântico. Mas é uma tese muito contestada, porque não há continuidade nas representações.

Mesmo depois do ressurgimento da anatomia, na Renascença, o coração anatomicamente incorreto se estabeleceria. A forma seria fixada de vez pelo baralho francês *(abaixo)*, do começo do século 16, com os mesmos naipes usados hoje.

MOEDA GREGA
Alguns olharam para o coração com a parte de cima para baixo e viram um significado pornográfico

CAPITULAR MEDIEVAL
Roman de la Poire quer dizer "O Romance da Pera"

BARALHO
Naipe de copas no baralho de Pierre Marechal, feito por volta de 1567, em Rouen, França

Testes eram visíveis dos cassinos

FOTO LAS VEGAS NEWS BUREAU/DIVULGAÇÃO

NOITES NUCLEARES DE LAS VEGAS

TESTES DE BOMBAS ATÔMICAS ERAM ATRAÇÕES TURÍSTICAS

Dizem que o que acontece em Las Vegas fica em Las Vegas. Exceto pela contaminação radioativa – essa você carrega no núcleo de suas células pelo resto da vida.

Em 1951, quando os cassinos ainda engatinhavam como o negócio principal da cidade, começou a operar a Área de Testes de Nevada, um terreno 105 quilômetros a nordeste de Vegas onde explodiam bombas atômicas cada vez mais poderosas criadas pelos cientistas do Departamento de Energia dos EUA, testando seus terríveis efeitos.

Mas um efeito que os cientistas não previram foi a explosão no turismo de Las Vegas. Porque, principalmente do alto de seus cassinos, era possível acompanhar o clarão das explosões, que transformavam a noite em dia, seguido por um pequeno tremor de terra e o cogumelo atômico.

Era um negócio sério. A Câmara do Comércio da cidade tinha brochuras com os horários dos testes e melhores pontos de observação.

Os cassinos começaram a dar as festas de "Amanhecer Atômico". Até a hora da bomba, os convivas dançavam, comiam e se embriagavam com "coquetéis atômicos". As mulheres podiam competir pelo título de Miss Bomba Atômica e tirar fotos com os cogumelos nucleares ao fundo.

Por essa época, Benny Binion, um magnata dos cassinos, falou que "a bomba atômica foi a melhor coisa que podia ter acontecido a Las Vegas". E ele tinha razão: com a receita dos turistas – e também dos funcionários da base, que moravam na cidade ou a visitavam – Las Vegas dobrou de tamanho entre 1950 e 1960.

Se era tudo festa em Las Vegas, o mesmo não aconteceu em St. George, Utah. Fica a nordeste da base, na direção oposta de Vegas. O vento carregava as cinzas nucleares em sua direção e seus moradores sofreram uma enorme incidência de cânceres, que duraram até os anos 1980.

O último teste a céu aberto aconteceu em 1962. Cem deles haviam sido feitos. Las Vegas passou a atrair aventureiros menos extremos, como a cidade do pecado, não da bomba.

O JOGO DA MORTE

O ESPORTE FAVORITO DOS POVOS MESOAMERICANOS

O nome era *ollamaliztli* em nahuatl (asteca) ou *pitz* em maia. Mas a ideia havia surgido muito tempo antes desses povos, por volta de 1400 a.C. na civilização olmeca, a primeira a construir grandes cidades no México – que incluíam colossais quadras de bola.

Assim, os mesoamericanos jogaram bola por quase 3 mil anos, até a conquista espanhola – ou bem mais, se você considerar o *ulama*, jogo praticado ainda hoje na região de Sinaloa, que usa os quadris para jogar a bola de um lado a outro.

Entre os maias, que fizeram a maior quadra conhecida em Chichen Itza, os jogos eram revestidos de profundo significado religioso, relacionados ao mito dos Gêmeos Heróis, que teriam desafiado os senhores de Xibalba, o submundo, para uma partida. Os astecas também viam no jogo um sentido cósmico, a batalha do Sol contra a noite. Mas eles tinham uma atitude bem mais casual: a maioria dos jogos era feita por diversão, com ninguém saindo morto (salvo acidente). Os nobres eram os profissionais, mas plebeus batiam uma pelada em campos improvisados. Havia até banca de apostas.

Mostramos aqui a presumida versão asteca numa quadra inclinada – havia inúmeros tamanhos e variações, com a quadra maia em Chichen Itza com paredes verticais e o anel a impossíveis 6 metros de altura. "Presumida" porque as regras não são conhecidas em detalhes.

SACRIFÍCIOS

Em jogos cerimoniais, o time perdedor era sacrificado por decapitação. Algumas figuras em quadras até mesmo mostram os vencedores jogando com suas cabeças. Como os sacrifícios na sociedade asteca eram de figuras de baixo status, podendo jogar contra verdadeiros ídolos da torcida, os historiadores acreditam que esses jogos eram pré-arranjados e o time dos prisioneiros não tinha a menor chance.

REGRAS

Como um jogo milenar que passou por muitas culturas, as regras variavam enormemente. Em todas elas, a ideia era não deixar a bola cair nem sair da quadra. Na versão asteca, depois de duas quicadas, no máximo, ela tinha de ser passada para o lado adversário. Se a parede do outro lado fosse atingida, era ponto. Se o time falhasse em passar, deixasse a bola ir para fora ou falhasse numa tentativa de passar pelo aro, era o adversário que ganhava pontos.

VARIAÇÕES

Acredita-se que a versão principal entre os astecas permitia apenas o uso dos quadris, talvez joelhos. Em outras variações (ou nessa, vai do historiador) podiam valer os punhos, cotovelos, cabeça ou até mesmo tacos, muito parecidos com os do hockey moderno.

ILUSTRAÇÃO HAFAELL

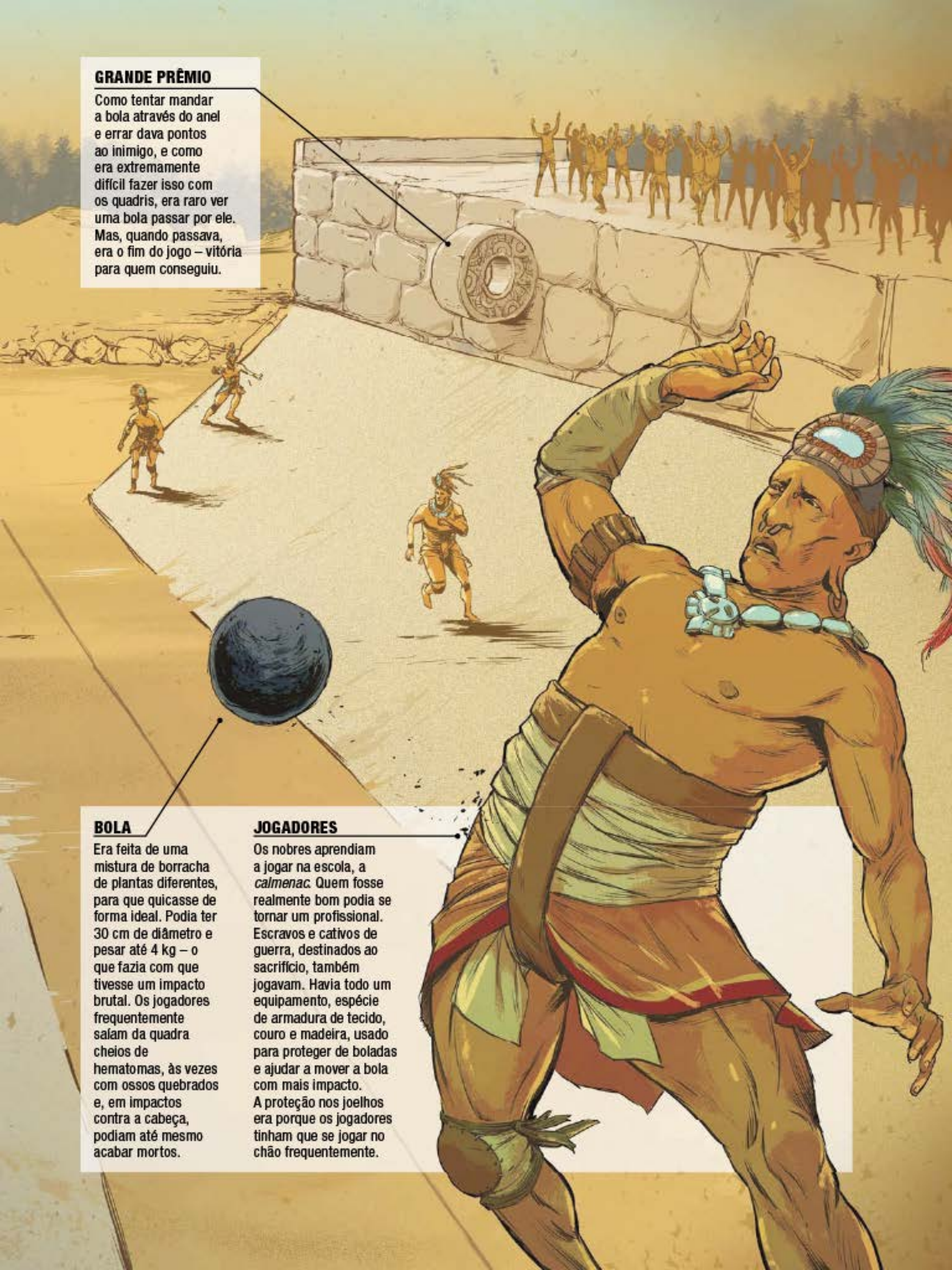
GRANDE PRÊMIO

Como tentar mandar a bola através do anel e errar dava pontos ao inimigo, e como era extremamente difícil fazer isso com os quadris, era raro ver uma bola passar por ele. Mas, quando passava, era o fim do jogo – vitória para quem conseguiu.

BOLA

Era feita de uma mistura de borracha de plantas diferentes, para que quicasse de forma ideal. Podia ter 30 cm de diâmetro e pesar até 4 kg – o que fazia com que tivesse um impacto brutal. Os jogadores frequentemente saíam da quadra cheios de hematomas, às vezes com ossos quebrados e, em impactos contra a cabeça, podiam até mesmo acabar mortos.

JOGADORES

Os nobres aprendiam a jogar na escola, a *calmenac*. Quem fosse realmente bom podia se tornar um profissional. Escravos e cativos de guerra, destinados ao sacrifício, também jogavam. Havia todo um equipamento, espécie de armadura de tecido, couro e madeira, usado para proteger de boladas e ajudar a mover a bola com mais impacto. A proteção nos joelhos era porque os jogadores tinham que se jogar no chão frequentemente.

CARROS VOADORES

QUANDO A BUROCRACIA ATRAVANCA A TECNOLOGIA

Quem conhece esta seção deve estar estranhando. Carros voadores são uma promessa da ficção científica que nossos bisavós já ouviam e que nunca se materializou. O que eles fazem numa seção sobre tecnologias do passado que acabaram esquecidas?

Pois é, o carro voador já foi feito e já voou. O Demoiselle de Santos Dumont, de 1907, foi o primeiro avião a ser produzido em massa. Minúsculo, ele era pensado para ir de casa ao trabalho e ser guardado no quintal. Na prática, serviu para treinar os primeiros pilotos – que lutaram na Primeira Guerra, para grande desgosto do pioneiro brasileiro.

O primeiro carro voador autêntico, um veículo para andar na estrada e no céu, surgiu dez anos depois – há um século. Criado pelo pioneiro Glenn Curtiss, o Autoplane era um carro movido a hélice com asas e cauda destacáveis. O projeto não foi para a frente porque os EUA entraram na Primeira Guerra e Curtiss teve que atender a outras encomendas. Em 1921, Rene Tampier dobrava as asas de seu avião e desfilava por entre os carros e bondes nas ruas de Paris.

Outra Grande Guerra depois, em 1947, o engenheiro Henry Dreyfuss criou o Convaircar, um modelo que parecia saído da cabeça de uma criança de 12 anos. Um carro convencional, feito de fibra de vidro, com todo o equipamento de avião preso no teto. Nota zero em aerodinâmica, a geringonça foi ao ar, mas acabou despencando e matando o piloto de testes. A mesma ideia desengonçada seria tentada em 1971, com o AVE Mizar, uma fuselagem presa a um Ford Pinto – carro famoso por explodir ao menor impacto. Surpresa, também terminou em catástrofe.

Em 1953, havia nascido um modelo bem mais elegante, mas também destinado à tragédia. O Autoplane de Leland Bryan, um aviãozinho cujas asas se fechavam num quadrado para andar na estrada. Bryan desenvolveria seus carros voadores por 21 anos, até 1974, quando seu modelo III, com 70 horas de voo e 1600 quilômetros percorridos em solo, perdeu suas asas em voo baixo.

Talvez o mais próximo que os carros voadores chegaram de se tornar realidade foi o Aerocar de Moulton Taylor, que atraiu a atenção da Ford e chegou a ter um contrato com a indústria Ling-Temco-Vought para a produção em massa. Infelizmente, as pré-vendas não conseguiram

FOTOS WIKIMEDIA COMMONS

O elegante Demoiselle, o desengonçado Covaircar e o completamente ridículo AVE Mizar

O Aerocar de Molton Taylor, o modelo mais próximo de ser comercializado

cumprir a cota de 500 unidades previstas no contrato, e o Aerocar também não foi adiante.

Note: estamos escolhendo exemplos de uma lista com dezenas. Toda a época tem alguém anunciando um carro voador. O mais recente a gerar bafafá foi o Terrafugia Transition, que ganhou a aprovação para voar e andar na estrada ano passado, e deve começar a ser entregue em 2019.

Mas, afinal, se o carro voador foi inventado tantas vezes, por que nunca colou? Vejamos o Terrafugia: ele só pode decolar de um aeroporto, e você precisa de um brevê de aviador para "dirigi-lo" pelo ar. Primeiro porque, sendo um veículo que vai cruzar os ares do campo e da cidade, ele precisa de autorização do tráfego aéreo para decolar. Segundo porque é, para todos os fins, um avião: dirigi-lo não é mais fácil que voar. Enquanto tirar uma carteira de motorista custa algumas centenas de reais, um brevê está nas dezenas de milhares. Enfim, o que se tem não é um carro voador, mas um avião que dá para guardar na garagem.

Talvez num futuro nem tão distante, em que seja possível confiar o controle totalmente aos computadores, as leis possam mudar para permitir a alguém decolar da porta de casa com uma carteira de motorista (ou nenhuma, pensando melhor). Veremos as filas de veículos cruzando os céus da cidade como na ficção científica. Fica a pergunta: como você dormiria sob a ameaça de um acidente de trânsito entrando pelo telhado?

SEIS DIAS

A GUERRA DOS 50 ANOS

DEPOIS DELA,
NADA MAIS FOI IGUAL
NO ORIENTE MÉDIO

POR Salus Loch, de Jerusalém

Soldados em Jerusalém Oriental, movendo-se em direção ao Muro das Lamentações

FOTO ISRAEL GOVERNMENT PRESS OFFICE

Nunca um conflito tão curto deve ter deixado marcas tão profundas. A Guerra dos Seis Dias, que faz 50 anos agora, legou às futuras gerações de judeus, palestinos e outros árabes fronteiras e ressentimentos presentes até os dias atuais. Então teve início a ocupação de Israel na Faixa de Gaza, Cisjordânia e Jerusalém Oriental, os pontos nevrálgicos do conflito com os palestinos. O território da Autoridade Palestina basicamente é aquilo que Israel tomou em 1967 do Egito e da Jordânia. E reluta em largar.

TERCEIRA VEZ

Outro nome para a Guerra dos Seis dias é Terceira Guerra Árabe-Israelense. Como indica, não foi a primeira – tampouco seria a última. Começou em 1948, com o nascimento de Israel por uma resolução da ONU. As posições dos judeus foram atacadas por todos os vizinhos imediatamente, pois eles consideravam a ação uma conquista territorial justificada pela ONU. É chamada "Guerra de Independência" pelos judeus. Quanto aos palestinos, expulsos então de suas terras, a chamam de *Nakba* (Catástrofe).

Ao enfrentamento de 1948, seguiu-se, em 1956, a Guerra do Sinai, contra o Egito, com o apoio ocidental.

Depois dos Seis Dias, ainda viriam as Guerras do Yom Kipur, em 1973, e do Líbano, duas vezes, em 1982 e 2006. Isso sem contar, em períodos de "paz", as intifadas, revoltas violentas dos palestinos.

Desde a fundação de Israel, em 1948, paz já era uma palavra relativa. Segundo estimativas da época, mais de 700 mil dos árabes da região, que resistiram ou simplesmente estavam no caminho, se tornaram refugiados. ➡

ALTA PRESSÃO

Afinal, quem começou? Alguns culpam os sírios, que atacaram em 7 de abril de 1967, nas Colinas de Golã, uma escaramuça menor. Outros sustentam que foi o Egito. Eles sabiam ou imaginavam saber a partir de fontes soviéticas que os israelenses estavam dispostos a atacar os sírios e tinham um acordo de ajuda mútua.

De concreto, o que se viu foi uma série de ações tomadas pelo presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser. Em 16 de maio de 1967, solicitou a retirada das tropas de segurança da ONU do solo egípcio. O grupo estava localizado na divisa com Israel, justamente, para garantir a paz na região pós-1956. Com o pedido aprovado, Nasser enviou o seu exército para a fronteira, fazendo soar o alarme das autoridades israelenses.

Somado a isso, entre os dias 22 e 23 de maio, Nasser ordenou o fechamento do Estreito de Tiran aos barcos de Israel, tornando a cidade portuária israelense de Eilat isolada e bloqueando o acesso dos israelenses ao Oceano Índico. Nas rádios egípcias, ouvia-se o discurso da restauração dos "direitos dos palestinos usurpados pelo Estado sionista".

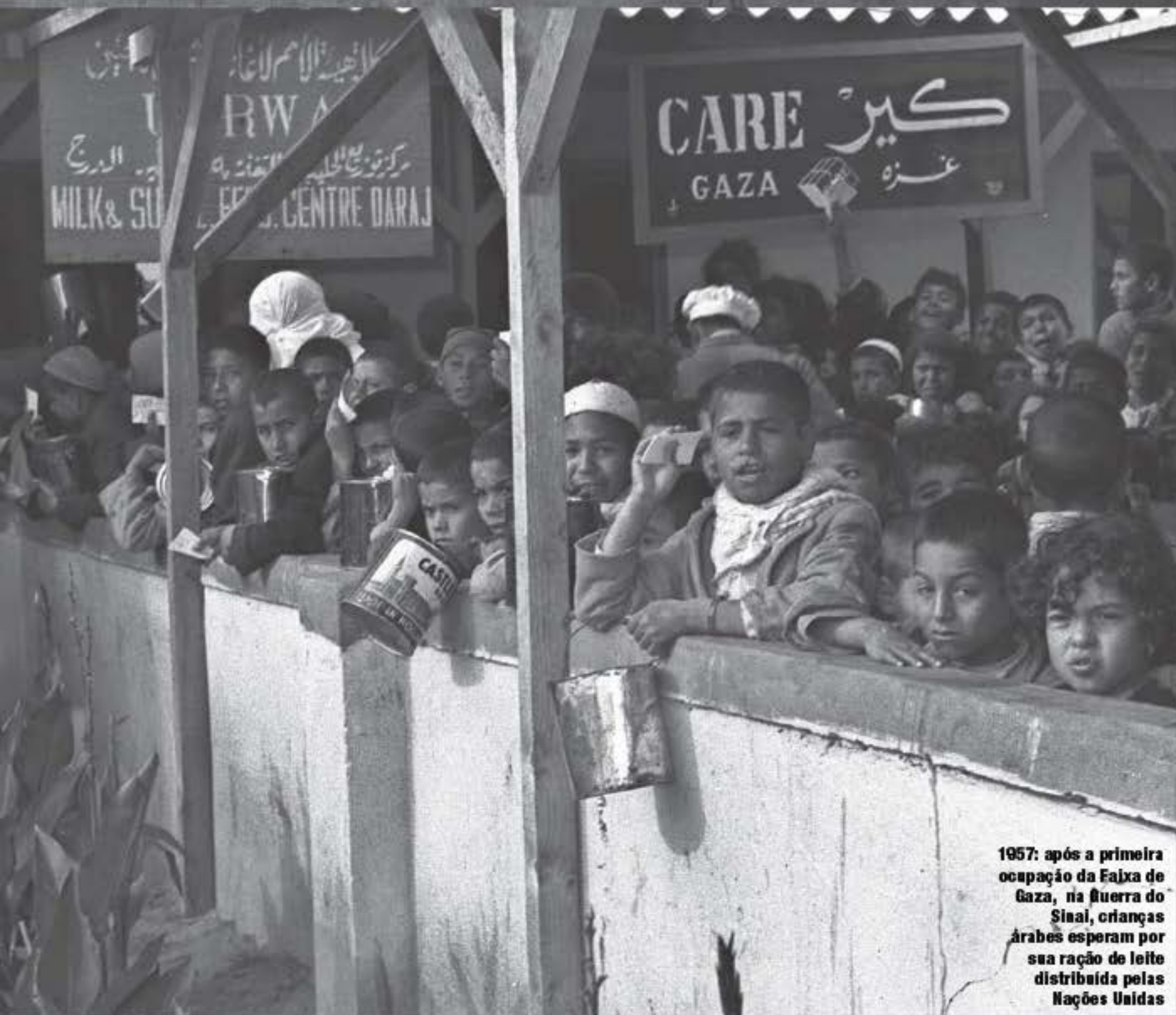
Essa série de movimentações do Egito, equipadas com armamentos russos, aliada à mobilização síria nas Colinas de Golã e a aproximação de Gamal Nasser com o rei Hussein, da Jordânia, fez com que Israel aumentasse a força militar na fronteira sul.

Conforme avançavam os meses de 1967, ficou claro que guerra não era uma questão mais de "se", mas de "quando". A panela de pressão estourou em Israel. O veterano da independência Moshe Dayan se tornou ministro da Defesa e optou por um "ataque preventivo".

O major israelense identificado apenas como Ezra, então com 30 anos, conta como recebeu a notícia. "No dia 5 de junho encontrava-me num voo de patrulha rotineiro. Subitamente, meu companheiro e eu fomos avisados de um ataque aéreo egípcio. 'Saiam para Bir-Gáfgafa no Sinai e liquidem os aviões (do Egito) na pista e no ar', era a ordem que havíamos recebido. Algo dentro de nós se incendiou. A expectativa de duas semanas chegara ao fim. Puxamos a alavanca da direção, mudamos de rota, verificamos o rumo e atravessamos a fronteira. De cima, víamos os acampamentos egípcios fortificados e dispostos em campos abertos, dirigidos para Israel. Continuamos para Bir-Gáfgafa. Quatro MIGs prateados estavam estacionados à margem da pista negra. Com o primeiro ataque surpreendemos a base, atingimos dois MIGs e subimos perseguidos por pesado fogo antiaéreo. Voamos para leste, para dentro do sol, sendo nosso objetivo um segundo ataque do lado do sol. Atingimos os outros dois MIGs e voltamos para casa. Fomos rearmados, reabastecidos e 'caímos' de novo sobre as bases egípcias. Num ataque posterior voei para uma base síria; voltei e, ainda no mesmo dia, saí para mais um voo longo – para a base aérea H-3, no Iraque."

A narrativa está no livro de D. Dayan, *A Guerra dos Seis Dias*. Sua ordem dava início à Operação Foco, nome dado ao ataque-surpresa perpetrado pela Força Aérea Israelense (não, os egípcios não estavam atacando). Em questão de minutos, cerca de 200 aviões egípcios foram destruídos, a maioria ainda em solo, e 11 aeroportos, severamente avariados. Um segundo ataque, horas depois da ➠

O QUE CADA UM PENSA

IDEIAS IRRECONCILIÁVEIS

1957: após a primeira ocupação da Faixa de Gaza, na Guerra do Sinai, crianças árabes esperam por sua ração de leite distribuída pelas Nações Unidas

PALESTINA E ÁRABES DE ISRAEL

• Palestinos têm o "direito a retornar". Todos os refugiados devem ter cidadania garantida, tornando-se árabes isralenses.
• Árabes israelenses (a maior parte dos quais se identifica como "palestinos") querem a remoção da cláusula da Constituição de Israel que declara o Estado como de nacionalidade judia. Também gostariam de outra bandeira.
• Palestinos desejam a restituição das fronteiras pré-1967, que Israel deixe os assentamentos na Cisjordânia e entregue Jerusalém Oriental.
• Pela exclusão dos palestinos, o regime de Israel é comparado ao Apartheid.

ISRAEL

• Israel tem o "direito de existir". Qualquer negociação depende do reconhecimento de Israel como um Estado legítimo, desistindo de pedir por sua dissolução.
• A Constituição fica como está. Partidos árabes existem, mas não podem contestar a identidade na Constituição. Israel nasceu para receber os judeus do mundo todo.
• Um Estado palestino realmente independente só pode existir quando não representar uma ameaça a Israel; as agremiações políticas devem ser desarmadas.
• Árabes israelenses, os que permaneceram em 1948 e seus descendentes, são cidadãos e têm os mesmos direitos que os judeus. "Palestinos" são os que deixaram o país na Guerra de Independência. Não são cidadãos.

primeira ofensiva, tirou de combate mais 107 aviões egípcios.

A Operação Foco cortou, literalmente, as asas do inimigo, abrindo caminho para a vitória por solo. Centenas de tanques árabes também viraram fumaça e ferro retorcido. O rescaldo do dia, somando-se ataques contra bases na Síria, Jordânia e Iraque, foi de aproximadamente 400 aeronaves árabes abatidas, contra duas dezenas do lado israelense.

Ao lado da ação aérea no Egito, teve início a marcha das três divisões do Exército israelense que tinham o objetivo de conquistar, pelo solo, o Sinai. Sete divisões egípcias os receberiam.

O controle absoluto do ar permitiu que as tropas terrestres avançassem sem perturbação. Nas primeiras horas da noite, uma das divisões sob o comando do major-general Ariel Sharon (que se tornaria primeiro-ministro em 2001) atacou a área fortificada mais vital do arsenal egípcio no deserto do Sinai, abrindo caminho para nova vitória militar israelense. Noventa e uma horas depois, o Sinai e a Faixa de Gaza estariam dominados.

O REI ENGANADO

Nem tudo foram boas notícias para Israel. Ainda na manhã do dia 5, outro front havia sido aberto. Desta vez, com a Jordânia. Enganado pelo presidente egípcio – que apregoou estar vivenciando uma acachapante vitória contra os "sionistas", o rei jordaniano Hussein decidiu entrar no conflito atacando, por volta das 10h, a parte ocidental da cidade de Jerusalém.

Foi uma oportunidade para os falcões de Israel. Os acordos de fundação do país, em 1948, previam que o lado oriental de Jerusalém pertenceria aos árabes. Mas Jerusalém era a "capital" histórica do país que os sionistas buscavam reconstruir. O primeiro-ministro Levi Eshkol, ao fim do dia, profetizou numa conferência de imprensa: "À luz da situação em Jerusalém e apesar dos ataques que estamos recebendo e dos avisos que foram enviados à Jordânia, esta é a nossa chance de finalmente libertar a Cidade Velha".

Jerusalém Oriental seria "libertada" (conquistada?) em meros dois dias. Na madrugada do dia 6, a Brigada de paraquedistas israelenses tomou a Colina da Munição. Ao longo do dia, em cooperação com a brigada de Jerusalém, eles controlariam os bairros e cidades que rodeavam a Cidade Velha, abrindo caminho para a tomada da parte oriental de Jerusalém. Quanto aos habitantes locais, passaram a terça-feira imersos em abrigos antibomba, emergindo deles apenas no alvorecer de 7 de junho.

A alguns quilômetros dali, no cair da tarde, Israel começou a bombardear Gaza, então parte do Egito. A Sétima Brigada Blindada, comandada pelo major-general Yisrael Tal, foi encarregada da tarefa.

Em meio a esse avanço implacável, a população árabe, sob regimes autoritários, conforme D. Dayan na obra ***A Guerra dos Seis Dias***, era informada de que o "fim de Israel" estaria próximo, com a "vitória egípcia, síria e jordaniana". A realidade logo se tornaria impossível de ocultar.

Na madrugada de 7 de junho, a Brigada 55 rompeu a Cidade Velha e atravessou a porta dos Leões, convertendo o trecho da "Via Dolorosa" em "Via da Felicidade" – ao menos para os judeus. Em questão de minutos, a bandeira com a Estrela de Davi flamulava junto ao Muro das Lamentações.

O rabino militar chefe, general de divisão Shlomo Goran, tocou o shofar (instrumento de sopro sagrado) e, carregando um rolo do Torah, realizou a primeira sessão de oração judaica no Muro Ocidental desde 1948. – é a imagem em nossa capa. A festa continuou pelas horas seguintes. O primeiro-ministro Levi Eshkol, o ministro da Defesa Moshe Dayan e o chefe do Estado-Maior Yitzhak Rabin chegaram ao recém-conquistado Muro das Lamentações. A cantora israelense Noemi Shemar e o coro da Brigada começaram a cantar *Jerusalém de Ouro*, que falava nos dois milênios pelos quais os judeus esperavam voltar a Jerusalém.

Na manhã do dia 8, o norte da Faixa de Gaza foi "limpo", e ao meio-dia a conquista de Chan Yunas, no sul de Gaza, foi concluída. Na Jordânia, os aviões da Força Aérea Israelense (FAI) atacaram o corpo de armamento jordaniano na passagem ocidental para Nablus, fazendo com que o prefeito da cidade anunciasse a rendição e permitindo que as forças blindadas tomassem Ramallah, Jericó e Belém. No Egito, os israelenses chegaram ao Canal de Suez. Todas as passagens para o Ocidente foram bloqueadas, e as Forças Armadas egípcias, que tentaram alcançar o canal, foram emboscadas e atacadas nas passagens de Gidi e Mitle.

No final de um dia de batalha saturado de sangue, milhares de soldados egípcios estavam presos no coração do deserto, sem acesso a suprimentos ou munições. Diante da derrota iminente, às 21h30 o Egito anunciou seu acordo para um cessar-fogo no Sinai. Conforme o major-general do Comando do Sul de Israel, Shayke Gavish, as forças israelen-

A MESQUITA DA DISCÓRDIA

O terceiro local mais sagrado do Islã, a Mesquita Al-Aqsa (que significa "A Mesquita Distante") é localizada na parte ocupada pelos israelenses durante a Guerra de 1967. Construída sobre as ruínas do Templo de Jerusalém, destruído pelos romanos em 70, foi também a sede dos cavaleiros templários durante as Cruzadas.

Embora esteja sob a administração muçulmana, desde o fim da Guerra dos Seis Dias, as forças de segurança de Israel são autorizadas a patrulhar e realizar buscas dentro do perímetro da mesquita, ofendendo aos islâmicos que, por suas regras, deveriam ser os únicos a frequentá-la.

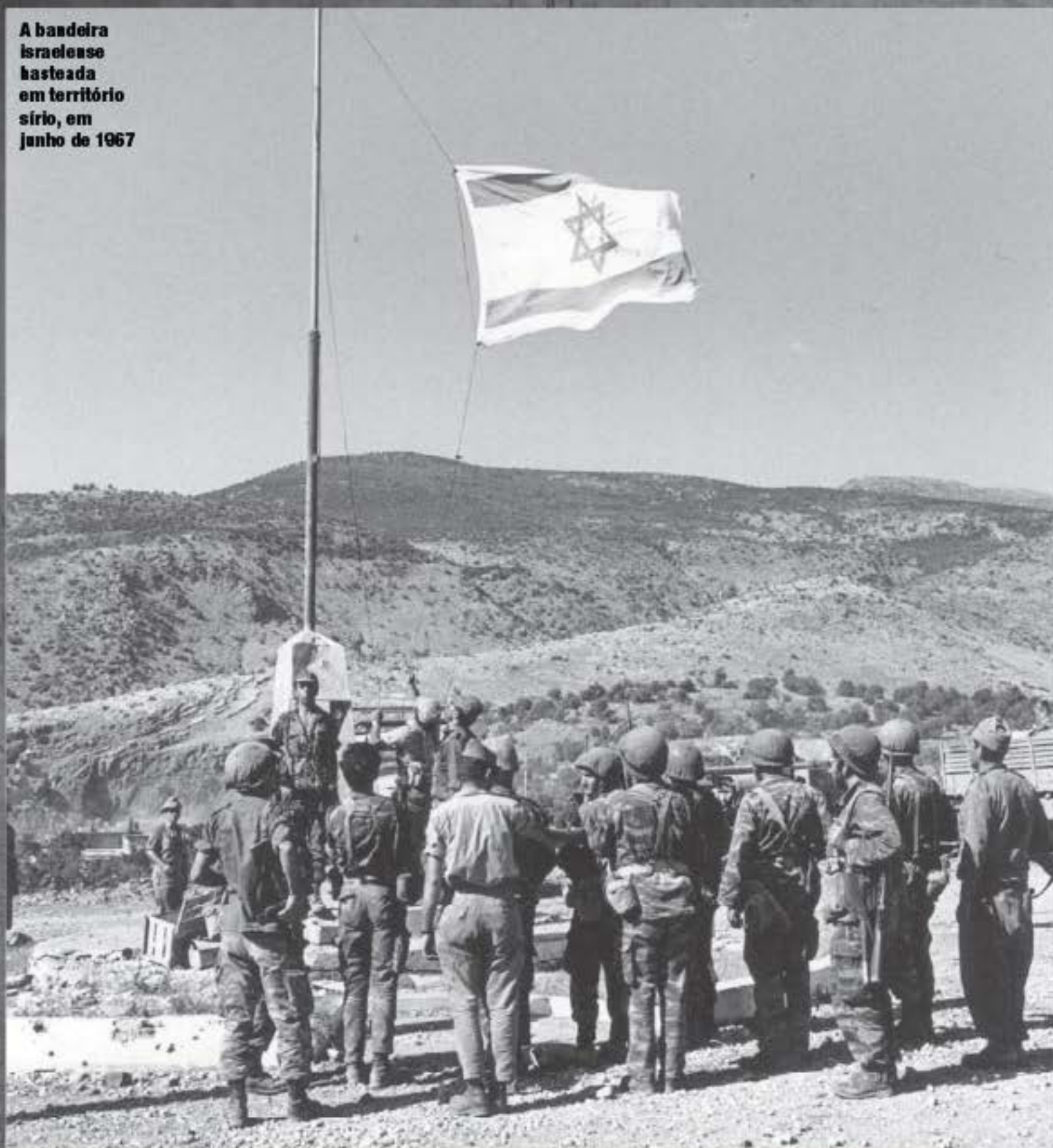
A mesquita dá nome às Brigadas dos Mártires de Al-Aqsa, do Fatah, e está no brasão do Hamas e também batiza seu canal de TV, Al-Aqsa, cuja programação é 100% propaganda anti-Israel: eles chegaram a ter um programa infantil em que um genérico de Mickey Mouse pregava a aniquilação dos judeus.

9 de junho: um dos aviões egípcios arruinados em solo, no aeroporto de El Arish

Soldados israelenses durante a guerra, em direção à Mesquita de Al-Aqsa

FOTOS ISRAEL GOVERNMENT PRESS OFFICE E TERRY FINCHER / GETTY IMAGES

A bandeira israelense hasteada em território sírio, em junho de 1967

FOTO GETTY IMAGES

POR QUE SÓ SEIS DIAS?

Israel podia ter a vantagem tecnológica e ter saído na frente, mas não foi por isso que a guerra foi tão curta. De fato, havia o temor de que ela seria eterna. Interesses externos, dos EUA, União Soviética e de diversos países europeus permearam a Guerra dos Seis Dias desde os momentos anteriores ao início do conflito. E quem, ao final, apitou alto junto à ONU foram os EUA, que solicitaram às Nações Unidas a abertura das negociações de paz entre árabes e israelenses. A jogada, que redundou no cessar-fogo do dia 10, se justificava em razão do medo de um conflito de duração indeterminada. Com os árabes apoiados pela URSS, os EUA temiam um confronto local típico da Guerra Fria, de baixa intensidade e longo prazo, o que poderia permitir uma mobilização dos civis e o rearmamento dos árabes. Enfim, um Vietnã no Oriente Médio.

ses haviam destruído 600 tanques egípcios, capturando outros 100. Aproximadamente 10 mil soldados fiéis a Gamal Nasser foram mortos e 3 mil, capturados. As perdas de Israel no Sinai chegaram a 275 homens, com 800 feridos e 61 tanques atingidos.

Tão amplo era o rolo compressor que atacaram até seus aliados. O navio norte-americano USS Liberty foi confundido com uma embarcação inimiga e atacado por torpedos e aviões. Vinte e oito tripulantes dos EUA foram mortos. O Alto Comando Israelense atribuiu o "erro grave" às atribulações de uma guerra em larga escala.

Após o cessar-fogo com o Egito, as ações do dia 9 se direcionaram às Colinas de Golã, na fronteira com a Síria, que foi capturada em outra ofensiva irrefreável. Foi a última ação. Na manhã seguinte, sábado, 10 de junho, o major-general israelense Elad Peled recebeu a notícia de que um cessar-fogo total começaria às 18h30 ***(veja na página ao lado)***. Dany Rubinstein, veterano de 1967, resumiu o sentimento isralense à BBC Brasil: "Para a maioria de nós foi um milagre. Foi como um sonho que nós achávamos que jamais fosse virar realidade".

No total, Israel teria computado 766 mortes ao longo dos seis dias de guerra; do lado árabe, o número de óbitos passaria de 18 mil, embora haja estimativas bem maiores.

O PREÇO DA VITÓRIA

Após 1967, Israel viu sua área territorial passar de 20.720 quilômetros quadrados para 67.340 quilômetros quadrados. Foi conquistada a Península do Sinai, essa devolvida ao Egito em 1982. Também a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, do Egito e Jordânia. A primeira está sob a Autoridade Palestina desde 2005. A segunda continua ocupada em 61% de seu território – a chamada Área C. As Colinas de Golã foram anexadas oficialmente, ato até hoje não reconhecido pela comunidade internacional. Jerusalém Oriental, local de extrema importância para os árabes, também está sob a autoridade dos israelenses.

Daquele momento em diante, a aversão árabe ao vizinho só fez crescer, para dizer o mínimo – todos os movimentos radicais islâmicos pregam pelo fim de Israel. "O significado mais profundo da Guerra dos Seis Dias é muito maior que uma derrota militar – é uma derrota social", afirma o especialista em relações internacionais libanês Fawaz Gerges. Segundo ele, a derrota foi um imenso golpe no nacionalismo árabe defendido por Nasser. Uma prova de incompetência. "Um consenso surgiu entre os árabes: o de que sua sociedade, e não só o Exército, foi derrotada e que a catástrofe expunha seu atraso como civilização e em ciência." A desmoralização do nacionalismo abriria espaço para outro discurso: o da identidade religiosa, universal e moral, acima da capacidade tecnológica. De que Nasser e outros nacionalistas foram derrotados por vontade de Deus, por sua decadência; sua falta de fé e estilo de vida pecaminoso. Esse é o discurso do Hamas ***(veja adiante)***.

A guerra também aumentou o número de refugiados palestinos. E não ajudou em nada o vencedor tratar de ocupar o que passou a ver como sua casa, iniciando o processo de assentamentos, como na mencionada Área C da Cisjordânia. Essa ação é considerada ilegal pelo Conselho de Segurança da ONU, e um dos maiores entraves para a paz.

Ao fim do combate, a ONU emitiu a Resolução 242, ordenando a retirada de Israel de todas as regiões ocupadas. O país impôs certas condições para aceitar a proposta e acabou estabelecendo administrações militares nos territórios ocupados. Gaza, Cisjordânia, as Colinas de Golã e o Sinai só voltariam à soberania de seus países se, em troca, os árabes reconhecessem o direito de Israel à existência e dessem garantias de que novos ataques não ocorreriam.

As lideranças árabes reuniram-se em Cartum, capital do Sudão, em agosto de 1967. Decidiram por uma política que não reconheceria o Estado de Israel nem flertaria com negociações de paz. Após a derrota na Guerra de Yom Kippur, o Egito desistiria e selaria a paz com Israel em 1978. A Jordânia também, em 1994.

INIMIGO PRÓXIMO

Mas paz entre nações não quer dizer paz entre povos. A panela de pressão posta ao fogo em 1967 estouraria 20 anos depois, na Primeira Intifada, uma grande revolta, que ia de atirar pedras a usar cinturões-bomba. Duraria quase seis anos e, na ocasião, um novo jogador entraria em cena: o Hamas, um capítulo da Irmandade Muçulmana que se levantou contra o que via como leniência com Israel , corrupção e secularismo decadente da OLP e seu partido político, o Fatah. O Hamas introduziu o radicalismo islâmico na causa palestina. A OLP tinha um programa secularista.

Por um instante, porém, tudo isso pareceu coisa do passado. Em 1993, o líder da Organização para a Libertação da Palestina, Yasser Arafat, considerado um dos mais perigosos terroristas por Israel até poucos anos ➠

1970: guerrilheiros palestinos patrulham as ruas de Amã, na Jordânia, durante uma guerra civil entre o governo do país e residentes palestinos

FOTOS: KPA/ONMAGO/ISRAEL GOVERNMENT PRESS OFFICE E GETTY IMAGES

antes, assinou, ao lado do premiê israelense Yitzhak Rabin, e sob os olhos do então presidente dos EUA, Bill Clinton, o Acordo de Paz de Oslo. A OLP reconhecia Israel como país e Israel reconhecia a OLP como a voz do povo palestino.

A euforia tomou o mundo todo e ambos foram agraciados com o Prêmio Nobel da Paz. Doce ilusão. Em novembro de 1995, Rabin foi assassinado e seu sucessor, Benjamin Netanyahu, iniciou a desconstrução do acordo selado. Assentamentos foram reiniciados. Em resposta, a Segunda Intifada aconteceu entre 2000 e 2005. No mesmo ano, o Fatah criou as Brigadas de Mártires de Al-Aqsa, organização responsável por atentados. Arafat morreria em meio à intifada, em 2004, sob circunstâncias ainda hoje suspeitas.

Em 2007, numa breve guerra civil palestina, o Hamas expulsou o Fatah da Faixa de Gaza e o Fatah o expulsou da Cisjordânia. Com isso, a Palestina hoje são duas, com uma delas, a do Hamas, hostil não só a Israel como ao Ocidente em geral.

Hamas e Fatah raramente concordam em alguma coisa. Mas uma delas é que Israel precisa pagar. Em 31 de julho de 2015, extremistas judeus atacaram duas casas palestinas com bombas incendiárias, matando um bebê de 18 meses e sua mãe. Agiam em resposta à demolição pelo governo de Israel do assentamento em Bet El. A resposta veio em 3 de outubro, quando Muhanad Shafeq Halabi, um jovem de 19 anos, atacou um casal com um carrinho de bebê rumo ao Muro das Lamentações. O pai e um senhor idoso que interveio morreram. O jovem matador seria exterminado pela polícia.

Mas seu exemplo seria seguido, diante da fúria contra Israel compartilhada tanto por religiosos quanto por seculares. Na chamada Intifada das Facas, 38 judeus seriam mortos e 558 feridos versus 235 árabes mortos e 3917 feridos. O Hamas se envolveu diretamente. O Fatah chamou os que cometiam atentados de "heróis".

A QUESTÃO NACIONAL

Se hoje isralenses discutem o mérito da guerra, na época, foi celebrada. A primeira-ministra Golda Meir, que governou entre 1969 e 1974, acreditava que uma identidade palestina nem sequer existia, pois os territórios "palestinos" eram de outros países, Egito e Jordânia. Dizia que 1967 foi uma ação defensiva. E que quem dificultou

Os manda-chuvas Ytzhak Rabin, Moshe Dayan e o general Uzi Narkiss em Jerusalém Oriental, 1967. Teria sido o fim ou o começo dos problemas?

a paz nunca foi Israel, mas o mundo árabe, que, já em 1947, recusou a partilha da Palestina prevista pela Resolução 181 da ONU. O objetivo dos árabes sempre foi "destruir Israel".

A narrativa da defesa é a posição ainda hoje oficial. Mas, para um dos dos "novos historiadores israelenses", Ilan Pappé, o que o governo de Israel fez, pós-1967, foi dar continuidade ao processo iniciado em 1947-48, que visava ocupar o máximo de áreas palestinas, com o mínimo de palestinos possível. Segundo Pappé, que esteve em São Paulo no último mês de abril lançando a versão brasileira de seu livro *A Limpeza Étnica da Palestina*, Israel é o único Estado a negar que colonizou terras estrangeiras. O historiador também sustenta que o discurso pela "busca da paz" na região deveria ser substituído por propostas reais de descolonização, levando em conta a situação dos refugiados.

Shajar Goldwaser, ativista de oposição israelo-brasileiro e membro da Global Jewish Network for Justice, tem uma visão parecida: "Após Israel tomar os territórios da Cisjordânia, Faixa de Gaza e Jerusalém Oriental, deu-se continuidade ao processo iniciado em 1948 de desapropriação de terras e expulsão da população para dar espaço aos colonos". Ele compara a situação dos refugiados ao Apartheid da África do Sul.

SAIBA MAIS

LIVROS

Seis Dias de Guerra – Junho de 1967 e a Formação do Moderno Oriente Médio. Michael Oren, Bertrand Brasil, 2004

A History of Modern Palestine – One Land, Two Peoples, Ilan Pappé, Cambridge UK, 2006

Contraste a visão do analista político Ben Caspit, próxima ao consenso tradicional. Em artigo ao site Al-Monitor, ele afirma que a guerra foi boa para Israel. Que o país renasceu como potência. "Cinquenta anos depois, todas as ameaças existenciais a Israel foram removidas", diz. "Acordos de paz foram assinados com o Egito e a Jordânia. O programa nuclear do Irã ficará parado por 15 anos. A Síria é um Estado em pedaços, como o Iraque. O Hezbollah pode ser uma ameaça terrorista, mas não existencial. O mesmo é verdade sobre o Hamas."

Caspit também diz que "é duvidoso que tenha havido um evento mais decisivo na história de Israel e do Oriente Médio". Nessa parte, não há polêmica.

Arthur

MITO REAL

ELE PODE NUNCA TER EXISTIDO, MAS SUAS LENDAS FIZERAM DELE UM DOS PERSONAGENS MAIS IMPORTANTES DA HISTÓRIA

TEXTO Tiago Cordeiro

Em matéria de mitologia medieval, rei é Arthur, os outros são cartas do baralho. De Monty Python a Shrek e, agora, Guy Ritchie, todo mundo que falou em reis medievais ao menos tirou uma casquinha.

Tudo isso por um rei que, provavelmente, nem sequer existiu. Arthur é um personagem mitológico, construído em diferentes obras literárias publicadas ao longo dos séculos 9 a 13, colaborando para criar uma identidade do povo britânico. "Nós historiadores simplesmente não temos nada a declarar sobre Arthur. Não existe nenhum indício palpável, nenhum documento confiável, confirmando sua existência", afirma Norris Lacy, professor de estudos medievais da Pennsylvania State University. Há lendas de outros povos, mas nenhum personagem tem o impacto e o alcance de Arthur. Nobres britânicos de diferentes épocas fizeram alianças alegando serem legítimos descendentes do monarca guerreiro – entre eles, Ricardo I (1157-1199), que carregava uma espada que dizia ser a própria Excalibur. Eduardo I, que governou entre 1272 e 1307, colocou ossos que teriam sido de Arthur, encontrados num monastério em Glastonbury, em uma cripta grandiosa, recoberta de mármore negro. Eduardo IV (1442-1483) se vestia com túnicas e capas cheias de símbolos que supostamente eram usados pelos cavaleiros da Távola Redonda. Sua morte, em 1483, deixou desolados os súditos que juravam que ele era o próprio Arthur em pessoa. Henrique VII (1457-1509) marchou de Gales até a Inglaterra sob um estandarte do dragão vermelho de Arthur.

O "reencarnado" Eduardo IV não era um episódio isolado. Boatos de que o monarca nunca morreu e um dia iria voltar eram recorrentes, a ponto de o rei da Espanha

IMAGEM WIKIMEDIA COMMONS

Tapeçaria com o Rei Arthur, por volta de 1400

Filipe II jurar, durante a cerimônia de casamento com Maria I da Inglaterra, em 1554, que abdicaria do trono no momento em que Arthur voltasse.

DAS PÁGINAS PARA A VIDA

Vamos então às lendas em si. Arthur nasceu humilde. A primeira vez em que seu nome aparece é em ***Historia Britonum***, livro em latim escrito em 828 pelo monge galês Nennius. Não era citado como rei, mas como um ***dux bellorum***, um chefe militar poderoso, capaz de matar 960 homens, sozinho, ao longo de uma única batalha.

"Textos anteriores citam reis e batalhas, e nenhum menciona Arthur. Sua história deve ter sido inspirada em guerreiros que viveram durante o período turbulento de consolidação da Grã-Bretanha como nação", diz Norris Lacy. Arthur nasce entre os celtas do País de Gales e é exportado para os anglo-saxônicos da Inglaterra. As lendas falam que um guerreiro imbatível chamado Arthur teria vivido no século 6 e lutado contra monstros. Montou em um urso para vencer um dragão. Enfrentou gigantes de 10 metros de altura. Superou bruxas e gatos bem maiores que tigres. Prendeu o javali Twrch Trwyth. Viajou até Annwn, o mundo dos mortos da mitologia galesa.

Até o século 12, os textos citam Arthur apenas brevemente. Ele ganharia uma nova dimensão no ano 1136, com um escritor chamado Geoffrey de Monmouth.

Capitular do livro *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth

Britânico de Oxford, Monmouth construiu a figura de Arthur em seu livro ***Historia Regum Britanniae***. De forma exuberante e quase nada baseada em fatos, ele se propõe a contar a vida de cada um dos supostos 107 reis da Inglaterra até então. Começando por Brutus, neto do personagem Enéas, da ***Ilíada*** grega. E passando por Lear (aquele que depois seria imortalizado por Shakespeare).

"A partir daqui, tornou-se comum, nas novelas de cavalaria posteriores, fazer a ascendência do herói remontar estrategicamente à tradição greco-romana ou à arturiana para dignificação de sua 'linhagem'", afirma Lênia Márcia Mongelli, professora de literatura da USP.

Com Monmouth, Arthur ganhou uma personalidade. É nessa obra que estão, reunidos pela primeira vez, todos os elementos que todo mundo conhece até hoje: é filho do rei Uther Pendragon, que havia tomado sua esposa Igema de outro homem graças a uma magia de Merlin. Com a morte do pai, envenenado, Arthur, de apenas 15 anos, assume o trono bretão e dá início a um período de grande prosperidade. Munido de sua espada Excalibur, seu escudo Pridwen e sua lança Ron, ele parece ser invencível.

Casa-se com Guinevere, vive em Camelot e coordena a Távola Redonda, o grupo de cavaleiros nobres que aumenta o território do reino. Depois de um período de paz, segue para enfrentar os romanos, mas volta correndo para casa quando fica sabendo que seu sobrinho Mordred, filho de sua irmã Ana (que depois viraria Morgana), tomou sua rainha em casamento e se proclamou rei. Arthur então mata o sobrinho, fica gravemente ferido e é levado para a Ilha de Avalon. Nunca mais é visto.

O que vem depois é toda outra mitologia, algumas lendas apontando a localização de seu túmulo e outras dizendo que ele nunca morreu e governará novamente. "O Arthur mítico passou à História como 'rei messiânico' – aquele que está recolhido em algum lugar inacessível e que um dia voltará para conduzir seu povo à redenção", afirma Márcia Mongelli.

Historia Regum Britanniae teve uma influência gigantesca. Tomada como história oficial da Grã-Bretanha até o século 16, estimulou os ingleses a encontrar um túmulo que teria sido do antigo rei glorioso.

Os manuscritos da obra correram a Europa, o norte da África e o Oriente Médio. Influenciaram centenas de obras literárias, que se dedicaram a explorar novos aspectos da vida do monarca. E também adições dos tradutores: uma tradução para a linguagem normanda, concluída em 1155, incluiu a história da Távola Redonda, uma mesa onde os conselheiros e cavaleiros do rei se reuniam de igual para igual, sem ninguém à cabeceira.

De certa forma, a Távola Redonda existiu de verdade, mais de uma vez, em diferentes lugares: existiram mesas circulares para reuniões de cavaleiros e líderes políticos em Chipre, na Suécia, na França, na Espanha... A mais famosa é a de Winchester, edificada a man-

Manuscrito arturiano de 1295

do do rei inglês Eduardo I, o mesmo que construiu a cripta para os supostos ossos de Arthur. A rainha Maria da Escócia (1542-1587) batizou seu filho, o futuro rei Jaime I, durante um festival onde reuniu 30 convidados em torno de uma réplica da Távola mítica.

Arthur, que nasceu para justificar a nobreza da Grã-Bretanha, passou a ser um símbolo mundial. Muitos reis da época se disseram inspirados na grandeza de Arthur, tentando emular seus feitos.

Até o fim do século 16, ainda eram comuns os festivais imitando a antiga corte do rei, com sua rainha e seus cavaleiros. Mas, à medida que novas obras foram surgindo, novas facetas do rei apareceram. Algumas delas bastante negativas, dando origem a um personagem mais interessante (ao menos para o gosto moderno).

BÊBADO E DORMINHOCO

Sabe-se pouco sobre a vida do poeta e trovador francês Chrétien de Troyes. Mas não há dúvidas de que seus romances foram influentes. Vários abordaram lugares e personagens ligados à mitologia britânica.

"Chrétien de Troyes valeu-se do expressivo papel da literatura ficcional na intersecção de fontes para praticamente criar a identidade do Arthur e da gloriosa Cavalaria arturiana", afirma a professora Lênia Márcia Mongelli.

Troyes situa cinco de suas histórias, escritas entre 1170 e 1190, durante o reinado de Arthur. Mas o rei costuma aparecer num pano de fundo. Geralmente está dormindo, ou bebendo. Não toma atitude alguma quando sua rainha é raptada – são seus cavaleiros que vão assumir a iniciativa de resgatá-la. Mal percebe que sua esposa se apaixonou por seu mais valoroso cavaleiro, Lancelot – criação de Troyes.

A mudança de enfoque diminui a figura do rei com o objetivo de valorizar o amor romântico e o cavalheirismo nobre. "A história das origens grandiosas e heroicas da Inglaterra perde espaço e a corte britânica se torna pano de fundo para dramas pessoais que valorizam atitudes éticas", afirma o professor Norris Lacy. Segundo Lênia Mongelli, Troyes "deu asas à fantasia e acrescentou à tradição alguns elementos que, a partir de então, passaram a compor o modelo mítico do soberano perfeito."

Arthur tirando a espada da pedra, em livro criado por volta de 1310

Troyes também é o criador de Percival (aquele que Wagner vai transformar na ópera *Parsifal*), um cavaleiro que encontra o famoso cálice usado por Cristo na Santa Ceia. É nesse contexto, de transformar Arthur num rei cristão, que surge, finalmente, a lenda a respeito da espada fincada na pedra – ela é citada pela primeira vez no livro *Merlin*, publicado no começo do século 13 por Robert de Boron, um poeta francês que também expandiu a lenda do Santo Graal.

O suposto artefato (para muitos nem é uma taça, mas também pode ser um prato) teria sido usado durante a Última Ceia. José de Arimateia, aquele que, segundo os evangelhos, emprestou sua sepultura a Jesus, teria recolhido o sangue do messias crucificado no mesmo recipiente. Para fugir às perseguições dos romanos, teria então fugido para a Grã-Bretanha, levando o Graal consigo.

A lenda nunca morreu. Os nazistas realizaram uma expedição séria para o monastério de Montserrat, perto de Barcelona, onde ele estaria escondido. Em 2014, dois pesquisadores, Margarita Torres e José Ortega del Río, apresentaram um cálice conhecido desde o século 11, o Cálice de Dona Urraca, como o verdadeiro Santo Graal. As catedrais de Valência e Gênova também afirmam que os cálices em sua possessão são o da Última Ceia.

Camelot, a cidade fantástica que teria sido a capital do império arturiano, só surgiu várias décadas depois. Turistas em viagem pela Cornualha podem visitar o que seriam os restos de Camelot.

As lendas arturianas perderam força na época da Renascença, pela atitude mais racionalista e pela decadência militar da cavalaria. Ilustra esse momento *Dom Quixote*, de 1600, satirizando os romances de cavalaria, habitat natural do Rei Arthur. No século 19, uma segunda chance: o Romantismo renovou o interesse na Idade Média, vista como uma era heroica. E o interesse ficou. Vive no gótico, no heavy metal, na fantasia medieval e, claro, em filmes do Rei Arthur. AH

IMAGENS WIKIMEDIA COMMONS

A Távola Redonda num manuscrito atribuído a Walter Map ou Michel Gantelet, criado por volta de 1470

DADÁ

GUERREIRA DO CANGAÇO

À FORÇA ELA ENTROU PARA O CANGAÇO E SÓ À FORÇA SAIU. E VIVEU PARA CONTAR A HISTÓRIA

TEXTO Dimalice Nunes

Quem é do Nordeste possivelmente conhece a história de Dadá, a cangaceira. Heroína, guerreira, única a portar fuzil no bando de Lampião – que chegou a liderar. E, com Corisco, seu parceiro, resistiu por mais dois anos até o brutal fim da gangue, nas mãos da polícia. Um ícone da rebeldia do cangaço.

Mas não façamos coro à mera mitologia. Dadá era, sim, uma personagem excepcional. Mas, em sua história, há alguns detalhes pouco contados e bem desconfortáves aos ouvidos modernos, que não vamos nos omitir em abordar.

UM CANGAÇO FEMININO

O que aconteceu nos 12 anos em que Dadá viveu embrenhada na caatinga, de acampamento em acampamento, ao lado de Cristino Gomes da Silva Cleto, o Corisco, pode ser revisitado nas falas da própria Dadá, que viveu até 1994 e concedeu entrevistas para programas de TV e documentários, e pelo trabalho de diversos historiadores que ligaram essas falas às de outros cangaceiros e cangaceiras que sobreviveram ao fim do grupo, num amplo trabalho de reconstrução histórica do período.

Corisco era o braço direito de Lampião, chefe do bando que espalhou terror entre os poderosos (e todo o resto) pelo sertão de sete estados, entre os anos 20 e 40 do século passado. Sérgia vivia com a família em Belém de São Francisco (PE), onde nasceu em abril de 1915, e de onde foi levada por Corisco. Segundo ela, foi uma vingança contra seu pai, acusado de delatar um parente de Corisco à polícia. "Então ele veio e me carregou, me botou na garupa do burro."

Sobre o que veio a seguir, Dadá nunca falou abertamente, mas a pesquisadora Rosa Bezerra, autora do livro *A Representação Social do Cangaço*, afirma que há relatos privados da própria Dadá de que ela teria ➡

Dadá e Corisco, o casal letal

FOTOS REVERT HENRIQUE KLUMB/WIKIMEDIA COMMONS, WIKIMEDIA COMMONS E SHUTTERSTOCK

ficado muito doente depois do rapto, após sofrer violência sexual, com febre por semanas.

Dadá não foi a única vítima da brutalidade na família. Ela mesma contou, em entrevista reproduzida no documentário *Feminino Cangaço*, que os irmãos menores tiveram as pontas dos dedos cortadas à faca, que o pai foi espancado e teve uma orelha cortada e a mãe e as irmãs ficaram cinco dias presas sem comida.

Mulheres passaram a ser permitidas no cangaço apenas depois que o chefe, Lampião, conheceu Maria Bonita, em 1930. Essa entrou para o bando voluntariamente. Casada, mas infeliz, apaixonou-se por Lampião e pela ideia de aventura que a vida bandida traria, uma forma de viver que era a antítese da domesticidade reservada a uma mulher de seu tempo.

Frederico Pernambucano de Mello, que estuda o cangaço há mais de 30 anos e se tornou referência no assunto, explica que, "uma vez no bando, a mulher costurava, se quisesse; bordava, se quisesse; cozinhava, se quisesse. Seu status na subcultura do cangaço era superior ao da mulher da cultura pastoril. A cangaceira vivia para se ornamentar e alegrar o cotidiano de dureza do seu homem. Exigia do marido joias, perfumes, brilhantinas, maquiagens", diz. "A despeito desse luxo, a cangaceira não deixava de ser uma propriedade do marido."

Dadá era uma exceção não só na forma como entrou mas também por não parecer ter caído nas tentações da riqueza vinda das pilhagens. "Eu aconselhava as outras meninas a não ir. Vê a festa e não sabe o que sofre: dormir no molhado, andar no espinho, fugir tomando tiro, a ruína da sua família... Os períodos de glória e fartura se revezavam com os de miséria", afirmou. O bando chegou a ter entre 50 e 60 mulheres, todas companheiras de algum can-

Após o ataque, a tétrica exposição das cabeças

IMAGENS WIKIMEDIA COMMONS

gaceiro. Embora a violência fosse uma constante – mulheres adúlteras eram assassinadas ou tinham o rosto marcado com ferro em brasa –, histórias de rapto como o de Dadá eram exceção. A maioria fugia da família para acompanhar um cangaceiro. Um caminho sem volta tanto pelas leis do próprio bando quanto para as leis não escritas da moral sexual do Brasil da primeira metade do século 20.

ÚLTIMOS DIAS

A maioria das cangaceiras não tinha papel de combatentes. Portavam facas e pistolinhas apenas para defesa, sem participarem ativamente de combates, saques e ocupações de vilarejos. A presença feminina, segundo os pesquisadores, havia trazido um ar mais familiar aos bandos, elevando o apoio popular nas vilas por onde passavam e reduzindo os episódios de violência sexual. Essa mudança aconteceu mais de um século após o início do banditismo do sertão, na década de 1830, com figuras como Jesuíno da Feira. Um século depois, porém, podia não parecer, mas o cangaço já estava em seus estertores.

A partir da ascensão de Getúlio Vargas, o cangaço passou a ser fragilizado pela atuação mais ativa das volantes, as forças especiais criadas pela polícia especificamente para combater os cangaceiros. No fim da década de 1930, essas forças traziam uma letal novidade: metralhadoras. O armamento cangaceiro não era páreo para elas.

Numa madrugada de julho de 1938, o bando de Lampião é atacado no sertão de Sergipe. Das 34 pessoas presentes, 11 foram degoladas ali mesmo, entre elas Lampião e Maria Bonita. Os sobreviventes fugiram ou se entregaram às forças do governo.

Corisco e um outro parceiro: cães eram comuns no cangaço

Justamente para fugir da perseguição policial, o grupo havia se dividido. Corisco estava longe, em Alagoas. Com a morte do chefe, ele assume o cargo, e sua primeira ação é de vingaça. Havia recebido a informação de que quem tinha entregado Lampião fora certo José Ventura Domingos. Com a convicção de estar vingando o bando, matou o dono da casa, a esposa e os filhos, degolou os cadáveres, colocou as cabeças dentro de um saco de estopa e enviou-as ao tenente João Bezerra, responsável pela destruição do grupo principal.

A informação estava errada. Corisco matou uma família inocente.

Com esse crime hediondo sobre seus ombros, a vida passa a ser de fuga constante. Enfraquecido, o grupo nem sequer tem munição suficiente. É então que Dadá começa a ganhar

relevância na defesa e nos ataques. "As moças carregavam pistolinhas, mas eu tinha um revólver 38 e cartucheira de duas camadas. As caixas de bala eu levava numa panelinha, porque eu gastava muito. E um punhalzinho. Mas para enfeite, porque eu não ia furar ninguém", contou Dadá.

Em agosto de 1939, nova ascensão de Dadá na hierarquia do cangaço: Corisco é baleado e se torna incapaz de liderar. É por isso que muitos pesquisadores enquadram apenas Dadá como cangaceira, pois foi a única que, além de atirar em combate, comandou o grupo. "O papel padrão da mulher no cangaço não era de uma amazona, uma guerreira. Mas Dadá era uma mulher extremamente enérgica, dura", afirma Frederico Pernambucano de Mello.

A liderança de Dadá durou pouco menos de um ano. Em meados de 1940 Corisco já havia cortado os cabelos longos e claros que o deram também o apelido de Diabo Loiro e vivia escondido com a mulher em uma fazenda em Barra do Mendes (BA), tentando uma vida normal. São supreendidos por uma volante e Corisco é atingido por vários tiros de metralhadora no abdômen, morrendo após agonizar por dez horas. Dadá é baleada na perna, que precisa ser amputada depois. Mas vive para contar a história.

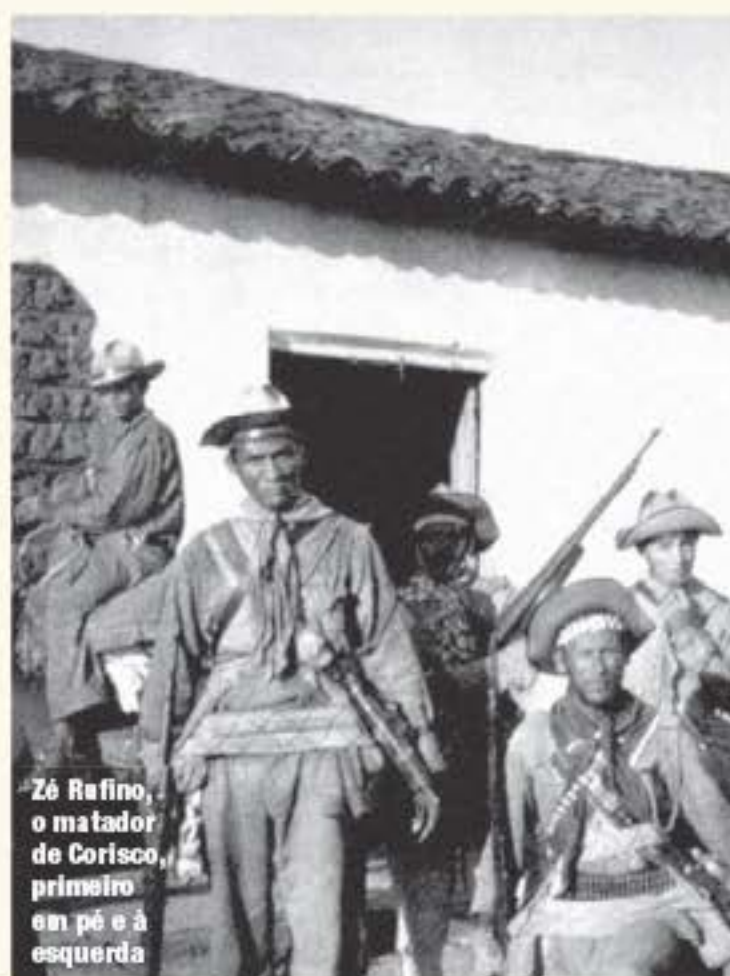
Em maio de 1968 a revista ***Realidade*** colocou frente a frente Dadá e o coronel Zé Rufino, que comandou o ataque ao casal. Ele chorou ao vê-la. Ela, altiva, perdoou, mas o desmentiu: não foi combate, foi emboscada.

VIDA COMUM

Capturada, Dadá ficou presa por dois anos. Sua condição de inválida fez com que um advogado prático (rábula) pleiteasse com sucesso sua liberdade. Durante os anos de cangaço, havia tido sete filhos, mas apenas três sobreviveram e foram entregues a outras famílias. Casada com o pintor de paredes Alcides Chagas, ganhou a vida como costureira e viveu na periferia de Salvador até sua morte, em 1994, aos 78 anos.

"Depois da prisão ela deixa de ser Dadá e volta a ser Sérgia. Quando Alcides morre, ela se sente Dadá de novo", afirma o pesquisador Tadeu Botelho, da UESB.

No documentário *Feminino Cangaço*, Botelho relata ainda o encontro, já no fim da década de 1980, entre Dadá e um soldado que ficou com sequelas por um tiro dado por ela. O soldado a teria confrontado, dizendo que a culpa era dela por ele ter ficado naquela situação, ao que ela teria respondido: "Sorte sua, porque eu atirei foi para matar". Como diz Botelho, Dadá "morreu cangaceira". AH

Outras mulheres no cangaço: Maria Bonita e mais duas não identificadas

Zé Rufino, o matador de Corisco, primeiro em pé e à esquerda

IMAGENS WIKIMEDIA COMMONS

Corisco e o bando: Dadá está logo atrás dele

SÍNDROME DE ESTOCOLMO?

Sejamos brutalmente honestos: Sérgia Ribeiro da Silva entrou para a História contra sua vontade. A Dadá de Corisco virou cangaceira após ser raptada e estuprada por ele aos 13 anos. E, por chocante que seja hoje, o que começou de forma trágica e violenta se transformou numa parceria que os historiadores reconhecem como cheia de cumplicidade e, sim, afeto.

É o que ela, que sobreviveu ao cangaço por cinco décadas, sempre disse: "Corisco me levava de um canto para outro e nessa continuação fui tomando amor por ele. Era um pai para mim, um marido e um professor".

"Se avaliarmos todas as entrevistas cedidas por Dadá teremos falas sentidas e sofridas sobre sua entrada no cangaço, outras dela afirmando que Corisco foi o grande amor de sua vida", lembra Caroline de Araújo Lima, que pesquisa o papel das mulheres no cangaço em seu doutorado na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ela explica que uma vez dentro do movimento não havia volta. "Se ela foi forçada? Considerando a memória dessas mulheres podemos dizer que foram convencidas a tal ponto que defenderam aquele modo de vida como uma alternativa ao que estava posto no Brasil da época."

Aos olhos contemporâneos, seria possível falar em síndrome de Estocolmo, quando uma pessoa submetida a um tempo prolongado de intimidação passa a ter simpatia e até mesmo sentimentos por seu opressor.

Mas os historiadores ouvidos refutam essa análise. Para Caroline, é fundamental manter o olhar naquele momento, naquela sociedade. "Ela tinha escolha? Considerando a sociedade sertaneja no início do século 20 e a cultura e os códigos de honra pautados na violência, até onde essas mulheres tinham opção? O amor aqui seria o quê? Possivelmente se submeter para sobreviver", resume.

Cultura

Livros • Filmes • Colunistas

Rosenberg literalmente pregando sobre um caixote, em 1932, um ano antes da ascensão dos nazistas ao poder

CULTURA Livros

QUEM INVENTOU O NAZISMO?

REVELAÇÕES INÉDITAS SOBRE UM IDEÓLOGO DESCONHECIDO DO PÚBLICO

1

Respondendo à pergunta no título: quem? Adolf Hitler que não foi. Quando o veterano cabo da Primeira Guerra se infiltrou no então Partido Alemão dos Trabalhadores, encontrou um movimento já em curso, em busca dos culpados pela ruína da Alemanha no conflito. Entre seus fundadores estava uma figura um tanto insólita para um movimento nacionalista: nascido na Estônia e educado em Moscou, Alfred Rosenberg só era alemão por parte de mãe (e parcialmente). Refugiado da Revolução Russa de 1917, ele compartilhava com seus novos amigos alemães o ódio por duas coisas: judeus e bolcheviques.

Seria esse estrangeiro báltico a dar as bases para o movimento supremacista alemão. Ninguém menos que o próprio Hitler chamava Rosenberg de "O Pai do Nacional-Socialismo". Seria de sua cabeça que viriam conceitos como o *Lebensraum*, o espaço vital, as terras (dos outros) de que o povo alemão precisava para crescer. Também o ódio à arte moderna, aos homossexuais e, de certa forma, o próprio antissemitismo, que era particularmente virulento no Leste Europeu.

O Tribunal de Nuremberg reconheceu sua importância e Rosenberg foi executado em 1946. Seu livro, ***O Mito do Século XX***, e *Minha Luta*, de Hitler, figuram lado a lado

como os tomos sagrados do nazismo. Mas faltava uma parte: Rosenberg por ele mesmo. Seus diários só foram encontrados em 2013.

Baseados neles, dois livros a respeito do pensador nazista estão sendo lançados. *O Diário do Diabo*, dos americanos Robert K. Wittman e David Kinney, é uma biografia. Wittman é ganhador do Prêmio Pulitzer e Kinney, um especialista em roubo de arte que já trabalhou para o FBI. Rosenberg também foi responsável por vender a arte "corrupta" confiscada e a arte em geral tomada dos judeus. Um de seus méritos é retratar a relação estranha entre o ideólogo e membros do partido, inclusive Hitler. Em que se pese sua importância, muitos o viam como um autor complicado e obscuro, talvez até mesmo um mero charlatão.

O Diário do Diabo – Os Segredos de Alfred Rosenberg, Robert K. Wittman e David Kinney, Record, 462 págs., R$ 69,90

Diários de Rosenberg 1934-1944, Alfred Rosenberg, ed. Jürgen Matthäus e Frank Bajohr, Crítica, 665 págs., R$ 99,90

O outro livro, *Os Diários de Alfred Rosenberg*, consiste em alguns capítulos para dar contexto e uma generosa parte devotada aos diários em si. É o ideal para conhecer o odioso autor por si próprio. Foi organizado pelos acadêmicos alemães Jürgen Matthaus, diretor do Holocaust Memorial Museum, em Washington, e Frank Bahjor, diretor do Centro de Estudos do Holocausto do Instituto de História Contemporânea, em Munique.

Rosenberg e o chefe durante o *Putsch* de Munique, sua tentativa de golpe de Estado

FOTOS GETTY IMAGES E DIVULGAÇÃO

A DITADURA DA COLHER

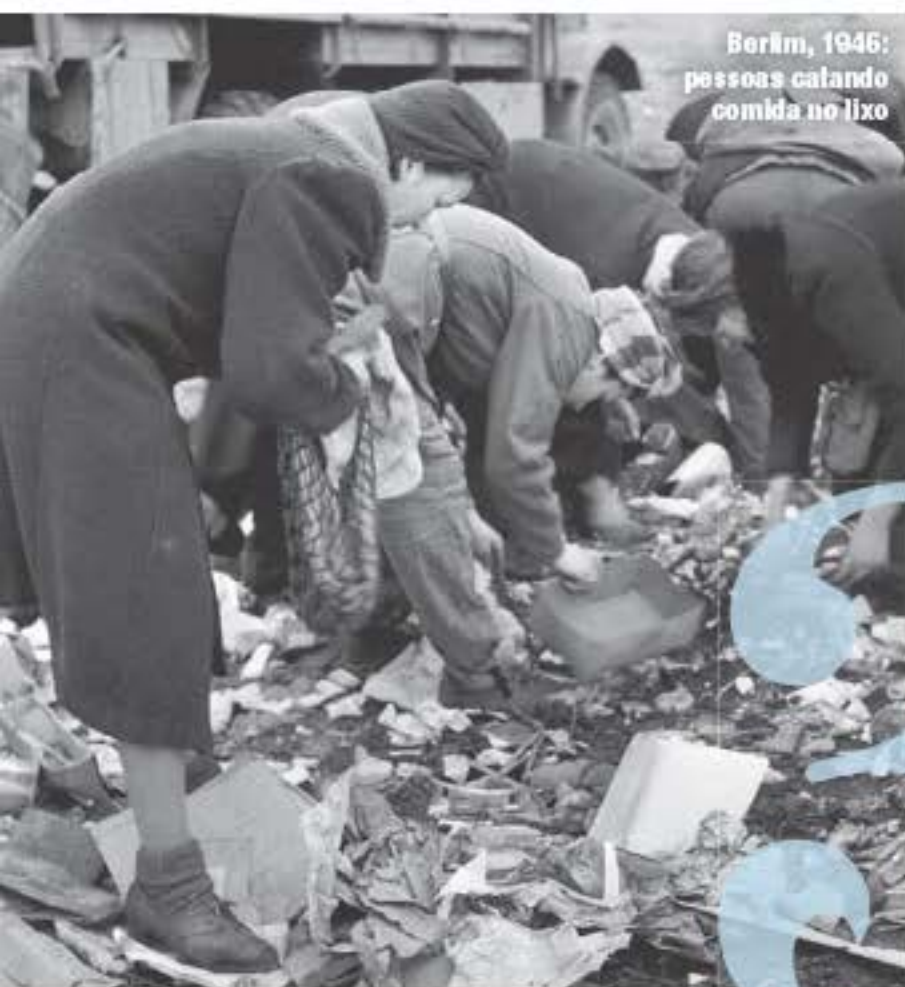
UM RELATO CHOCANTE DO GOVERNO MAO

Em 1959, fila para receber alimentos na cidade de Hankou, província de Hubei

O Grande Salto Adiante foi a tentativa de Mao Tsé-Tung de tornar a China uma potência maior que o Reino Unido em 15 anos. Para alcançar essa façanha, ele tentaria emular o que Stalin havia feito nos anos 1930: promover uma massiva coletivização agrícola e desviar a mão de obra, por quaisquer meios, para a indústria. Com Stalin, isso resultou no *Holodomor*, a fome na Ucrânia que levou até 12 milhões de vidas. Com Mao, o preço ficaria mais perto de 50 milhões. E também o último período em que a economia chinesa teve um crescimento negativo.

Após ter acesso a arquivos recentemente liberados pelo Partido Comunista da China, o historiador holandês Frank Dikötter produziu um tomo chocante sobre o que ele simplesmente chama de "inferno". As pessoas não morriam só de fome, mas – entre 6% e 8% das vítimas – por torturas ou execuções. Nos refeitórios coletivos, a pessoa com a concha tinha um poder de vida e morte sobre as outras – que recebiam a ração segundo seu "mérito".

A GRANDE FOME DE MAO

A Grande Fome de Mao: A História da Catástrofe Mais Devastadora da China, 1958-62, Frank Dikötter, Trad. Ana Maria Mandim, Record, 532 págs., R$ 64,90

Berlim, 1946: pessoas catando comida no lixo

HORRENDA PAZ

O CAOS DO PÓS-GUERRA

Existe o horror da guerra e o horror da paz – anárquica, que sucede a destruição. Se, em Londres, Nova York e Rio de Janeiro, o fim da Segunda Guerra foi recebido com festa, no Leste Europeu e na Alemanha liberada, mesmo quem quisesse celebrar a queda de Hitler não teria como. Não havia lojas onde comprar cerveja, não havia dinheiro com que pagar e, mesmo se fosse possível transitar pelos escombros, havia risco de latrocínio, estupro coletivo e até limpeza étnica. Houve mortes em massa sob a acusação de ser (ou descender de) alemão. E, mesmo com tudo que aconteceu, ainda também por ser judeu. Esses anos terríveis são o tema do historiador inglês Keith Lowe.

Continente Selvagem: O Caos na Europa Depois da Segunda Guerra Mundial, Keith Lowe, trad. Rachel Botelho e Paulo Schiller, Zahar, 504 págs., R$ 69,90

O LADO C DA SEGUNDA GUERRA

PESQUISADOR BRASILEIRO TRAZ FATOS MENOS CONHECIDOS

Nunca faltam livros sobre a guerra mais inesquecível da História. Mas não apenas porque o tema é popular: também por ser quase infinito e sempre haver algo a mais a ser revelado ou analisado. O historiador gaúcho Rodrigo Trespach, que é também colaborador da AH, decidiu falar sobre gente como a gente, de forma não cronológica, em capítulos isolados. Ele aborda, por exemplo, como os solados negros foram excluídos do exército aliado e como a SS nazista era internacionalizada, chegando até a empregar judeus, por incrível que pareça. Também comenta sobre como as mulheres não tinham um tratamento muito melhor na democracia do que no totalitarismo. E relembra os perseguidos menos falados do nazismo.

Histórias Não (ou Mal) Contadas: Segunda Guerra Mundial, Rodrigo Trespach, HarperCollins, 204 págs., R$ 34,90

Soldados negros do 332º Grupo de Caças dos EUA: longe da igualdade

FOTOS GETTY IMAGES, LIBRARY OF CONGRESS, WIKIMEDIA COMMONS E DIVULGAÇÃO

Loki num manuscrito nórdico da era cristã

LOKI, EXU & CIA.

UMA HISTÓRIA DOS DEUSES TRAVESSOS

O *trickster*, como os editores do livro de Lewis Hyde decidiram não traduzir, é uma figura quase onipresente no folclore de culturas tão distantes quanto os nórdicos medievais e os bantus da África Ocidental. São os deuses e outras criaturas lendárias responsáveis por travessuras, de inocentes a cruéis e catastróficas. Por que isso é tão universal? Nas 546 páginas de seu livro, o poeta, escritor e crítico cultural americano busca responder a isso, passando não só por mitos como por criaturas da cultura e da arte modernas. E, sim, Exu é o tema de um dos capítulos.

A Astúcia Cria o Mundo, Lewis Hyde, Trad. Francisco R. S. Inocêncio, Civilização Brasileira, 546 págs., R$ 94,90

DA ÁGUA E SEUS USOS

RECURSO JÁ FOI UMA PRECIOSIDADE

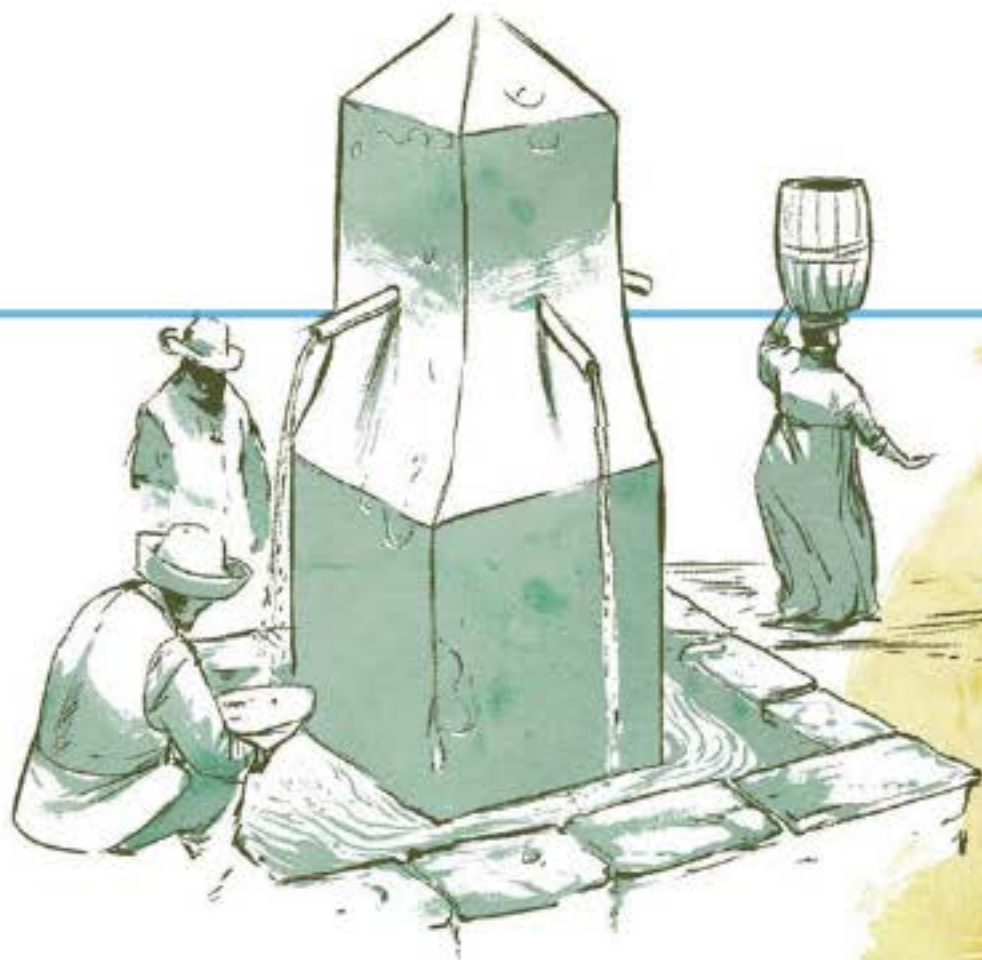
No início do século 19, em muitas cidades, o abastecimento de água era precário e o número de chafarizes e fontes não era suficiente para a crescente população. Mais do que abundância ou carência, o uso da água estava relacionado com o trabalho milenar de encontrá-la, extraí-la, transportá-la e acondicioná-la. Gente e animais precisavam dela. A preocupação recente com a higiene pessoal faria, pouco a pouco, da água, uma parceira fundamental. Gestos precisos estavam ligados ao trabalho. Conflitos pelos pontos ou olhos d'água fizeram parte da História. Orações e procissões religiosas eram acionadas quando faltavam chuvas capazes de abastecer os lençóis freáticos.

Poucas cidades, como Ouro Preto desde 1809, tinham reservatórios que levavam a linfa através de canos para os pontos centrais da cidade. Em Diamantina, em 1840, a água descia dos morros em canos que abasteciam as casas. Já os moradores da cidade de Porto Alegre viviam o problema da falta dela, como descreveu Avé-Lallement, em 1858: "A obtenção da água potável deixa alguma coisa a desejar. A cidade fica no meio da água, mas só se deve beber a água da montanha, e esta pode ser conduzida em quantidade. Os chafarizes da cidade [...] não são abundantes em água. Contudo, a mesma água tirada diretamente do rio é perfeitamente insípida e limpa". Dez anos depois, a cidade era abastecida por uma companhia inglesa, que arrecadava taxas consideráveis para fazê-lo, segundo queixa de Oscar Constatt, geógrafo alemão que passou por ali.

> Conflitos pelos pontos ou olhos d'água fizeram parte da História. Orações e procissões religiosas eram acionadas quando faltavam chuvas

Em São Paulo, bem estudada pela historiadora Denise Sant'Anna, a população se abastecia nas fontes do Gaio ou da Tabatinguera, posteriormente conhecida por Fonte de Santa Luzia. Além desta, encontravam-se outras bicas entre a Rua São Bento e a atual Líbero Badaró, na Rua Formosa etc. Na segunda metade do século, as antigas torneiras, vertendo água que seguia livremente por ruas e becos até encontrar algum curso, foram sendo transformadas em chafarizes. Com o estabelecimento da Companhia de Águas e Esgotos, esta passou a ser responsável pelos chafarizes conforme a deliberação do governo. O Chafariz da Misericórdia, que abastecia os moradores do entorno, não era suficiente para atender as necessidades locais, além de ser de qualidade inferior. O Chafariz da Memória, ou do Piques, foi construído no início do século 19.

Em 1814, o governo da província havia iniciado alterações na região, remodelando as ladeiras, levantando um muro de arrimo e construindo um obelisco. O engenheiro Daniel Pedro Müller foi o responsável pelas obras e pelas correções feitas no Anhangabaú junto à ponte do Lorena, unindo uma margem à outra. Nos idos de 1866, o Chafariz dava

ILUSTRAÇÃO RAFAELL

sinais de decadência, fazendo com que a Comissão de Obras Públicas iniciasse uma série de remodelações entre os anos 1867 e 1873, sendo o chafariz demolido anos mais tarde. O Tanque do Zuniga era outro ponto de referência da cidade. Seguindo pela Rua de São João chegava-se ao Largo do Tanque do Zuniga, atual Largo do Paissandu. As terras no século 18 haviam pertencido ao sargento-mor Manoel Zuniga.

Com o estabelecimento da Companhia de Águas e Esgotos, esta passou a ser responsável pelos chafarizes conforme a deliberação do governo. Diferentemente da Europa, onde se ergueram nas cidades verdadeiros monumentos artísticos, aqui raras fontes chamavam atenção. Dom Pedro II, em passeio por Salvador, anotou uma rara: a fonte do teatro da Piedade, em mármore, "com a figura da Amé rica suplantando um dragão, e deitando água por quatro cavalos-marinhos".

Por falta d'água, em muitas regiões havia queixas constantes, protestos e brigas envolvendo escravos e aguadeiros. Não faltavam confusões por várias razões nas bicas e chafarizes, que ficavam depredados, prejudicando o abastecimento. Para evitar problemas, patrulhas públicas vigiavam os tanques e chafarizes, como o "do Carioca", na Corte. Eles mantinham a ordem e puniam os infratores. Carroceiros iam de casa em casa oferecendo as bilhas cheias: eram os aguadeiros. Roupa suja era lavada por robustas lavadeiras ou escravas, à beira de rios e tanques, fora de casa. Em algumas localidades, caso de Salvador, por exemplo, chocava os viajantes estrangeiros ver lavadeiras misturadas aos jacarés e aos barris de excrementos despejados no mesmo lugar em que... lavava-se roupa! Algumas fontes tinham currais de cimento para a mesma atividade.

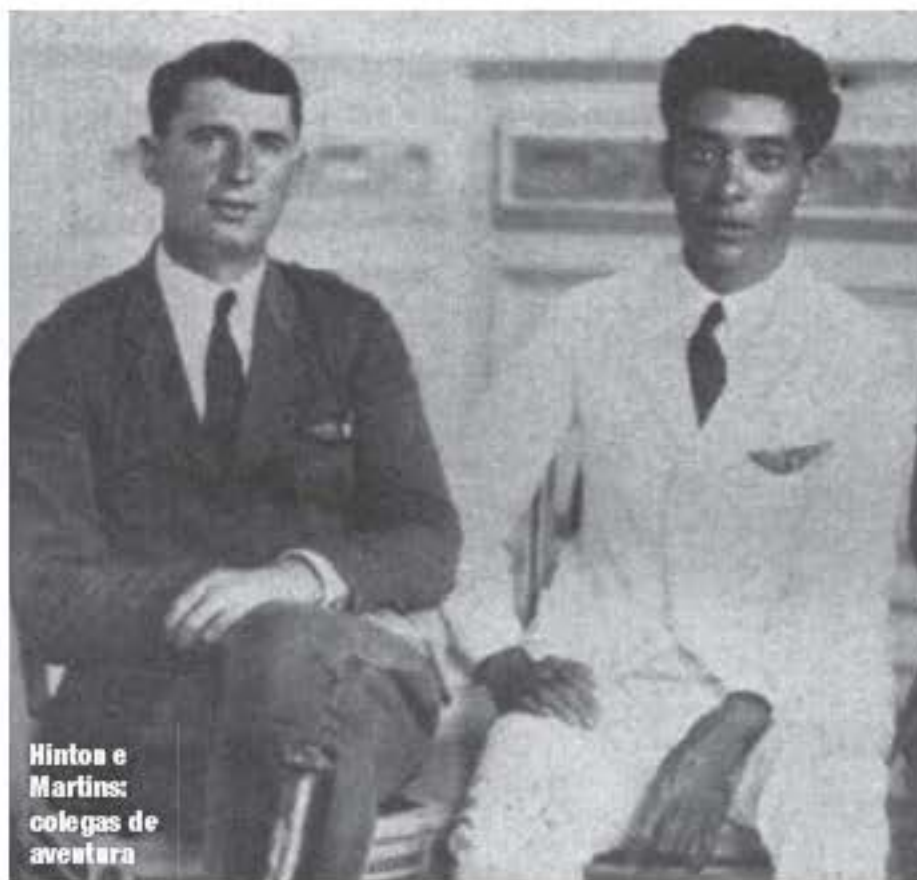
Muitos homens aproveitavam a proximidade para assediar mulheres que ali trabalhavam. Elas, por sua vez, aproveitavam para se encontrar, conversar, falar da vida alheia, trocar confidências.

Por MARY DEL PRIORE
Doutora em história social com pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, vencedora do Prêmio Jabuti e autora de *Histórias Íntimas – Sexualidade e Erotismo na História do Brasil*.

SAMPAIO CORRÊA: AVIÕES E FUTEBOL

TIME DO MARANHÃO COMEÇOU COM AVENTURA

Natural da cidade cearense de Camocim, Euclides Pinto Martins nasceu em 15 de abril de 1892. Não demorou muito para que a família, por conta do trabalho do pai, Antônio, se mudasse para o Rio Grande do Norte. Apaixonado pelo mar, Pinto Martins seguiu para a carreira naval, como oficial em navios utilizados para o transporte de cargas e pessoas. No entanto, um acidente a bordo de um deles fez com que abandonasse os mares e partisse para os Estados Unidos, onde se formou engenheiro mecânico. Ao final do curso, retornou a Natal, onde passou a trabalhar na construção da Estrada de Ferro Central. Durante esse período, por volta de 1912, conheceu o também engenheiro José Matoso Sampaio Corrêa. Nascido em Niterói, no Rio de Janeiro, Sampaio Corrêa também era professor da Escola Politécnica do Rio e havia trabalhado como inspetor de obras públicas do governo do presidente Afonso Pena. A amizade entre os dois renderia frutos interessantes no futuro.

Após a morte da mulher, Gertrudes, Pinto Martins resolveu voltar aos Estados Unidos e aos mares. Resolveu comprar um navio cargueiro para fazer navegação de cabotagem no Brasil. O navio, no entanto, afundou antes de chegar ao país e novamente as aventuras marítimas foram deixadas de lado. Tinha por volta de 30 anos quando resolveu se enveredar por outra área, a aviação. Em um curso de pilotagem, conheceu Walter Hinton, um norte-americano, veterano da Primeira Guerra Mundial, que trabalhava como instrutor de voo e que tinha participado, em 1919, da primeira travessia aérea sobre o Oceano Atlântico. Naquela oportunidade, apenas o avião pilotado por ele, que fazia parte de uma esquadrilha de quatro hidroaviões Curtiss NC-4, cumpriu o percurso proposto entre Nova York e Lisboa. Da amizade com Hinton, surgiu o interesse por um novo projeto, bem audacioso: a travessia entre a América do Norte e do Sul, mais precisamente entre as cidades de Nova York e Rio de Janeiro. A busca por investidores foi árdua e contou com a contribuição do banqueiro Andrew Smith Jr., do jornal nova-iorquino *The New York World*, que forneceu o hidrovião

Hinton e Martins: colegas de aventura

modelo Curtiss, batizado com o nome de Sampaio Corrêa, antigo amigo de Pinto Martins, dos tempos de ferrovia, que agora era senador da República, e que teve um papel importante na articulação de todo o projeto junto ao governo do presidente Epitácio Pessoa.

No dia 17 de agosto de 1922, às margens do Rio Hudson, diante de uma multidão de nova-iorquinos – conforme registros da época, de centenas de milhares de pessoas –, partiu o Sampaio Corrêa. A tentativa terminou por causa do mau tempo, com a destruição da aeronove em Cuba. Levados à base naval de Guantánamo, a tripulação contatou o jornal *The New York World* e conseguiu autorização para a compra de outro aparelho idêntico, batizado de Sampaio Corrêa II. A chegada ao território brasileiro aconteceu apenas em 1º de dezembro, no Rio Cunani, no Pará. Após uma breve passagem por Belém, eis que no dia 12 uma multidão de quase 15 mil pessoas, boa parte da população da cidade de São Luís, no Maranhão, testemunhou a chegada do hidroavião na hoje desativada Praia do Caju, na Beira-Mar. Naquele dia, o que diferenciava os membros da tripulação eram as cores de suas camisas. Em respeito à bandeira de seus países de origem, a dos norte-americanos era vermelha e branca e a do brasileiro, verde e amarela.

Uma multidão de quase 15 mil pessoas, boa parte da população da cidade de São Luís, no Maranhão, testemunhou a chegada do hidroavião

No meio dessa multidão encontravam-se vários rapazes que pertenciam a uma agremiação amadora do bairro de São Pantaleão, chamada Santiago Futebol Clube. Empolgados pelo feito, esse grupo de peladeiros já no dia seguinte promoveu uma partida de futebol e deu às equipes os nomes de Sampaio Corrêa II e Clodomir Cardoso, então prefeito da cidade de São Luís.

Passaram-se alguns meses, até que, em 25 de março de 1923, essa rapaziada resolvesse criar a Associação Sampaio Corrêa Futebol Clube, que assumiu como suas cores a combinação daquelas presentes nas camisas dos membros da tripulação do hidrovião, vermelho, branco, amarelo e verde, uma junção que se assemelha à da bandeira da Bolívia – daí sua torcida, com o passar dos anos, ser conhecida como Bolívia Querida. Um dos maiores tradicionais clubes de futebol do Brasil, o Sampaio Corrêa possui a maior torcida do estado do Maranhão, é o maior vencedor de campeonatos maranhenses, ao todo 32, e é a única equipe do país a conquistar títulos brasileiros em três diferentes divisões, a Série B em 1972, a Série C em 1997 e a Série D em 2012.

Quanto ao voo entre as Américas, a estadia na Ilha do Amor, como é chamada São Luís, foi de quase uma semana, tamanhas foram as festividades. Imprevistos e paradas em outras cidades contribuíram para que o final da viagem, previsto para acontecer ainda em 1922, ano do centenário da independência do Brasil, fosse postergado para 8 de fevereiro de 1923, quando toda a tripulação foi recebida em festa pelas ruas do Rio de Janeiro. Apesar do sucesso, o cearense Pinto Martins não conseguiu aproveitar de novas oportunidades aeronáuticas. Endividado e com problemas no casamento, foi encontrado morto em 12 de abril de 1924 em um hotel no Rio de Janeiro, com um tiro na cabeça. A versão oficial atestou suicídio. Seu nome batiza o aeroporto de Fortaleza, no Ceará. Já o norte-americano, Walter Hinton, seguiu sua carreira na aviação, vindo a falecer em 1981, aos 92 anos. Quanto a José Matoso Sampaio Corrêa, ficou durante anos na Câmara dos Deputados, até 10 de novembro de 1937, quando o advento do Estado Novo, a ditadura sob o controle de Getúlio Vargas, que vigorou até 29 de outubro de 1945, suprimiu todos os órgãos legislativos dos país. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 17 de novembro de 1942. A equipe maranhense do Sampaio Corrêa irá disputar a Série C do Brasileiro de 2017.

Por JOSÉ RENATO SANTIAGO
Doutor e mestre pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo com pós-graduação pela ESPM. Autor de livros sobre a história do futebol, gestão do conhecimento e capital intelectual.

FOTO WIKIMEDIA COMMONS

CULTURA Foto-História

A COMPORTA DO DESTINO

A ENORME TENSÃO NOS ÚLTIMOS MINUTOS ANTES DO DESEMBARQUE NO DIA D

A ansiedade é quase palpável na fotografia tirada em 6 de junho de 1944. Quem está na frente tenta se esgueirar para ver, mas mesmo quem tem um ângulo melhor não consegue tirar muito sentido do caos feito de fumaça, máquinas e minúsculos humanos que os espera. Sem nenhuma posição inimiga óbvia, a cacofonia dos tiros, granadas e metralhadoras lembra aos novatos que, não há dúvidas, eles estão à beira de um mergulho sem volta.

À medida que o LCPV, o veículo de desembarque, se aproxima da praia, todos sabem que sua vida está prestes a acabar assim que a comporta se abrir. Para alguns, num sentido metafórico, de saltar da inocência adolescente para a brutalidade da guerra em literalmente um passo, do veículo para a praia que seus superiores batizaram de Omaha, e uma vida com essas memórias. Para outros – no caso de algumas das primeiras companhias, dois terços deles –, de forma bem literal. Para 4.414 dos que desembarcaram no dia D, a Segunda Guerra se resolveria em questão de segundos.

FOTO U.S. NATIONAL ARCHIVES